

# COTRIJORNAL

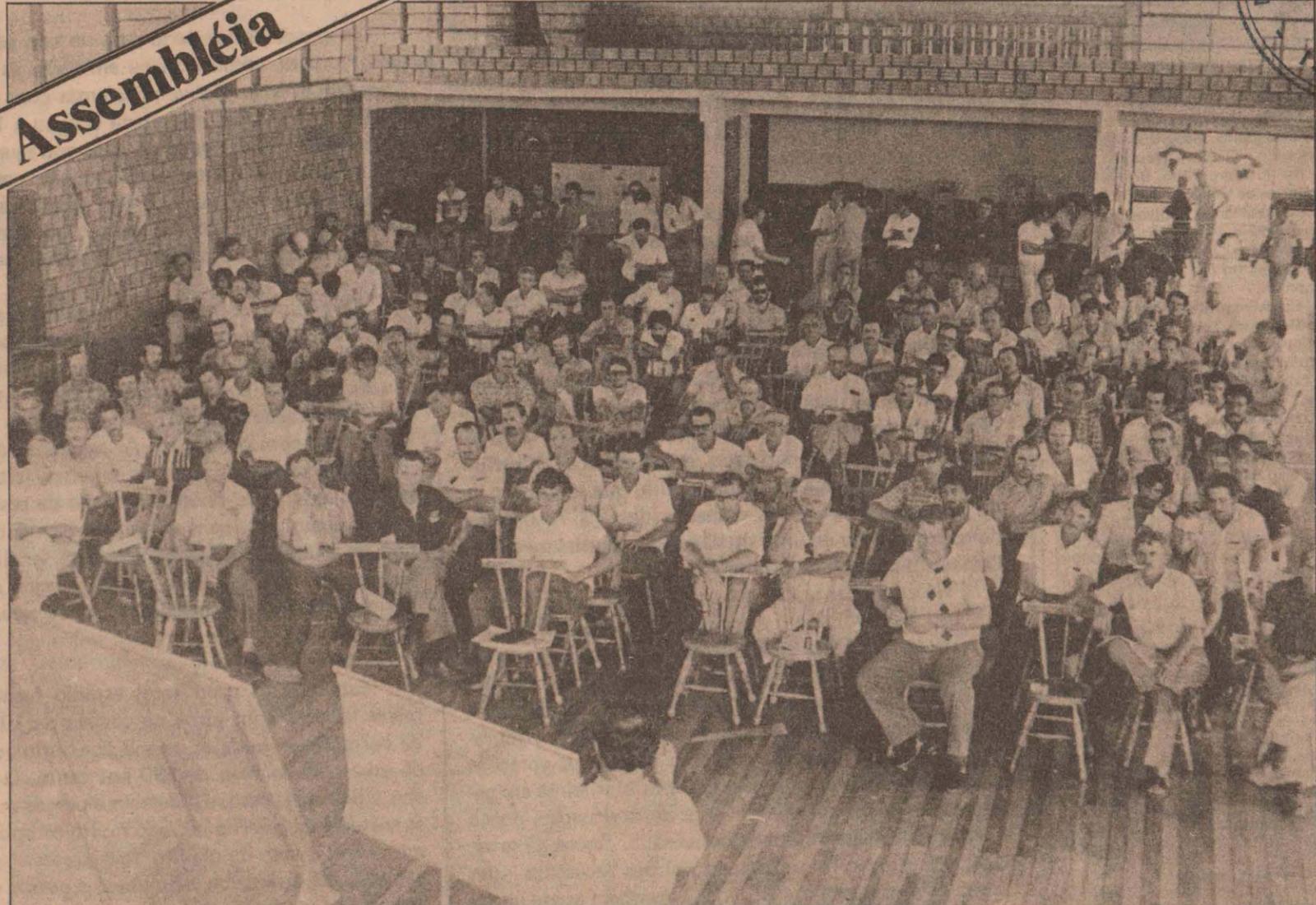
ANO 11

- IJUÍ, MARÇO DE 1984 -

Nº 112



**Assembléia**



## O PIOR JÁ PASSOU

*Cotrijuí supera fase crítica de sua dívida e busca agora o equilíbrio financeiro*

Páginas centrais

**O desafio da  
venda, após  
pique da soja**

*No momento de liquidar a safra,  
uma análise sobre o mercado  
complicado e imprevisível da soja*

Página 8

**O custo  
de plantar  
um alfafal**

*O desembolso de dinheiro é grande,  
mas os resultados já  
aparecem no primeiro ano*

Última página

**Lavoura de  
inverno  
deve crescer**

*Apesar dos baixos custos, este  
ano haverá mais trigo e  
lavoura diversificada na Região*

Página 4

COOPERATIVA REGIONAL  
TRITICOLA SERRANA LTDA.



Rua das Chácaras, 1513  
Caixa Postal 111 - Ijuí, RS  
Fone: PABX - (055) 332-2400  
Telex: 0552199

CGC ICM 065/0007700  
Inscr. INCRA N° 248/73  
CGC MF 90.726.506/0001-75

ADMINISTRAÇÃO

Diretoria Executiva

Presidente:

Ruben Ilgenfritz da Silva

Vice-presidente:

Arnaldo Oscar Drews

Superintendente:

Clóvis Adriano Farina

Diretores Contratados:

Euclides Casagrande, Nedy Rodrigues Borges, Oswaldo Olmiro Meotti, Valdir Zardin, Rui Polidoro Pinto, Bruno Eisele, Renato Borges de Medeiros.

Conselheiros (Efetivos)

Waldemar Michael, Walter Luiz Driemeyer, Arnaldo Hermann, Telmo Rovero Roos, Joaquim Librelotto Stefanello, Reinholdo Luiz Kommers.

Conselheiros (Suplentes)

Rodolfo Gonçalves Terra, Euclides Marino Gabbi, Constantino José Goi, Vicente Casarin, Ido Marx Weiller, Erni Schünemann.

Conselho Fiscal (Efetivos)

Leonides Dallabrida, Aquilino Bavaresco, Abu Souto Bicca.

Conselho Fiscal (Suplentes)

Paulino Ângelo Rosa, Delarmando Portolan, Luiz Neri Beschoner.

Capacidade em Armazenagem:

LOCAL	INSTALADA
Ijuí	164.000 t
Ajuricaba	33.000 t
Augusto Pestana	33.000 t
Chiapetta	60.000 t
Cel. Bicaco	40.000 t
Sto. Augusto - Sede	77.000 t
Sto. Augusto - Esq. Umbú	50.000 t
Ten. Portela	60.800 t
Jóia	67.000 t
Rio Grande	220.000 t
Dom Pedrito	91.000 t
Maracajú - Sede	65.000 t
Maracajú - Vista Alegre	17.000 t
Sidrolândia	52.000 t
Rio Brilhante	29.000 t
Dourados - Sede	82.000 t
Itaúm (Dourados)	25.000 t
Indápolis (Dourados)	17.000 t
Douradinha	17.000 t
Caarapó	17.000 t
Ponta Porã - Posto Guaíba	42.500 t
Ponta Porã	29.000 t
Itaporã - Montese	17.000 t
Campo Grande - Anhanduí	17.000 t
Aral Moreira - Tagi	17.000 t
Bonito	17.000 t



COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigida ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

Nossa tiragem: 18.500 exemplares

Associado da ABERJE



Associado da

AJOCOOP

Associação dos Jornais e Serviços de Comunicação

Registrado no Cartório de Títulos e Documentos do município de Ijuí, sob número 9.

Certificado de marca de propriedade industrial M/C11 número 022.775 de 13.11.73 e figurativa M/C11 número 022.776, de 13.11.73.

REDAÇÃO

Dária C. Lemos de Brum Lucchese  
Moisés Mendes

Composto no Jornal da Manhã, em Ijuí, e impresso no Jornal do Comércio, em Porto Alegre.

Ao leitor

# A recuperação

1983 não foi um ano fácil, mas nem por isso pode se dizer que tenha sido de todo ruim para a Cotrijornal, que apesar de ter encerrado seu exercício com um resultado negativo de Cr\$ 14,5 bilhões, de ter trabalhado contra uma inflação que chegou a fechar o ano em 211 por cento, somados aos altos custos financeiros, conseguiu reduzir sensivelmente o seu endividamento. Com a falta de recursos próprios para gerir suas atividades, a Cooperativa foi obrigada a captar no mercado um grande volume de dinheiro para suprir suas necessidades de capital de giro. De uma receita total de Cr\$ 170 bilhões, 17,84 por cento foram gastos com o pagamento de juros em 1983. Em outras palavras, a Cooperativa pagou aos bancos Cr\$ 30,3 bilhões pelos empréstimos captados no mercado.

Enquanto no exercício de 1982 o giro negativo da Cooperativa somou Cr\$ 11,1 bilhões, no exercício do ano passado ele baixou para pouco mais de Cr\$. . . . . 9 bilhões. É claro que para se chegar a estes números, algumas medidas tiveram que ser tomadas no sentido de reduzir o endividamento e aliviar a pressão da falta de capital de giro. Entre as medidas, constam alterações na rotação de estoques, composição com credores, transformando dívidas de curto para longo prazo, com juros compatíveis com a atividade agropastoril. Evidentemente que o pior já passou, e aos poucos a Cotrijornal vai recuperando sua saúde financeira, que se por um lado conta com um endividamento de Cr\$ 74 bilhões, do outro dispõe de uma situação patrimonial invejável. O assunto começa na página 10.

Há exatamente um ano, no mês de abril, os Estados Unidos divulgavam as primeiras estimativas sobre a lavoura de soja que seria formada naquele país. Uma redução na área de plantio, anunciada na época, iria iniciar uma tendência de alta no mercado, que chegaria ao seu pico em setembro, quando os preços estouraram. A lavoura reduzida e a seca fizeram as cotações subir, mas os produtores gaúchos e os brasileiros em geral não conseguiram se aproveitar desta situação, pois a safra estava quase toda comercializada. Agora, já se sabe que o estouro foi provocado por um "acidente" que talvez não se repita muito cedo. É também agora que o

## Do leitor

### ASSINATURAS

Inicialmente queremos cumprimentar esta Cooperativa, pelo jornal que edita, para informar e educar os trabalhadores rurais.

Na qualidade de presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Passo Fundo, tomo a liberdade de solicitar, dentro das possibilidades, uma assinatura do Cotrijornal, de muita utilidade para nosso trabalho no Sindicato.

Na certeza de sermos atendidos, desde já ficamos agradecidos.

Auxílio Rebechi

Presidente do STR de Passo Fundo

Palmares do Sul é um município novo, criado pela Lei Estadual de número 7654, de 12 de maio de 1982, e iniciou sua vida jurídica no dia 31 de janeiro de 1983, com as posses do Poder Legislativo e Poder Executivo.

Neste tempo todo, temos procurado organizar nossa Biblioteca Pública, e dentro desse objetivo, estamos solicitando a atenção de nos enviar um exemplar de seu jornal, para que os palmaresenses, em cuja cidade ainda não existe periódico,

tomem conhecimento de como seus irmãos gaúchos de outros municípios tomam contato com os órgãos de imprensa.

Antecipadamente agradecemos pela atenção.

Ney Cardoso Azevedo

Prefeito Municipal de

Palmares do Sul - RS

Pela presente, estamos solicitando que nos enviem o Cotrijornal, editado por esta entidade, para nossa Cooperativa. Outrossim, informamos que temos diversos associados que possuem assinatura do seu jornal. Estes associados sugeriram que a Cooperativa também tenha assinatura do Cotrijornal.

A Cooperativa Mista Valverde Ltda. possui 111 associados, sendo que em sua maioria são pessoas oriundas da região do Alto Jacuí e Planalto Médio e que aqui se fixaram, nesta parte Sul do Maranhão, produzindo arroz, soja, milho e outras culturas.

Como temos grande interesse pelo jornal, solicitamos, caso tenhamos que pagar pela assinatura, que nos enviem, com

agricultor tenta compensar, na hora de vender sua safra, tudo o que perdeu com os baixos preços do produto nos últimos anos. O desafio é grande, pois no momento da comercialização o desejo de se ganhar muito pode se transformar numa frustração. É das causas do pique de 83, das difíceis previsões que vêm sendo feitas e deste desafio representado pela liquidação que estamos falando, nas páginas 8 e 9.

A produção de leite caiu no ano passado na Região Pioneira, como ocorreu em todas as zonas produtoras do Estado. Houve problemas com pastagens, no inverno e no verão, e a queda chegou a 17 por cento, em relação à quantidade de leite entregue em 82. Este ano, a produção continua caindo, ainda em função dos problemas do ano passado. Mas outras causas, como a baixa remuneração da atividade, podem estar pesando nesta diminuição. O assunto é abordado na página 3.

O crédito sofre novas mudanças, e certamente para pior. As alterações foram adotadas pelo Conselho Monetário Nacional e mexem com o volume de aplicação de dinheiro dos bancos particulares na agricultura, com a liberação dos EGF (Empréstimos do Governo Federal); e com o Proagro. As medidas não foram ainda bem esmiuçadas, mas as análises feitas até agora indicam que pode ocorrer redução de recursos para o setor primário. Os bancos vão aplicar menos na agricultura, e a liberação dos EGF poderá ser dificultada. A terceira medida faz com que o Proagro deixe de ser obrigatório. As informações sobre as novidades estão na página 13.

Este ano os produtores estarão formando a primeira lavoura com juros de custeio de 100 por cento da correção monetária, mais 3 por cento ao ano, o que dá uma taxa de mais de 180 por cento. O dinheiro ficou ainda mais caro, e o custeio e preços mínimos para as culturas de inverno não são muito estimulantes. Mesmo assim, a área de plantio deve crescer, em comparação com 83, conforme estimativas e outros dados sobre as lavouras, nas páginas 4 e 5.

a maior brevidade possível, a quantia a ser paga.

Certo de que seremos atendidos, reiteramos nossas mais cordiais saudações cooperativistas.

Antônio Sérgio Erpen

pela Cooperativa Mista Valverde Ltda.

Balsas - Maranhão

### JORNADA NATIVISTA

Estamos informando que Caibaté realiza de quatro a seis de maio a "I Jornada Nativista Estadual", com um extenso programa a ser cumprido durante os três dias. Durante a noite serão apresentadas as composições classificadas na pré-seleção, e durante o dia, tertúlia livre na cidade de Iona.

Os visitantes terão a oportunidade de assistir um show com o Leonardo, campeão da Califórnia/82 e autor da música mais popular da Califórnia 83.

Certos da colaboração deste jornal, nossos agradecimentos.

Jaci Luiz Colpo

Presidente da I Jornada

Caibaté - RS



# Queda de 17% na produção

Como irá se comportar a produção de leite na época crítica da entressafra este ano? Esta é a pergunta que mais se faz entre o pessoal que lida nesta área, e a indagação pode ser explicada. Acontece que no ano passado a produção teve uma queda bem expressiva, de 16,9 por cento em relação a 82. Agora, há quem aposte numa recuperação, exatamente a partir do inverno, época em que se define a formação de quotas. Mas tudo irá depender do próprio produtor, ou seja, da atenção que ele dispensar à atividade na Região Pioneira, e dos incentivos para que isso aconteça.

Os dados estatísticos levantados pelo setor leiteiro da Pioneira mostram bem a queda na produção, que havia aumentado em 5,8 por cento de 81 para 82. Em 83, a Região terminou produzindo 20 milhões e 737 mil litros (veja a tabela abaixo), contra os 24 milhões e 240 mil litros de 82. João Valmir Cezimbra Lopes, que coordena esta área de leite na Pioneira, cita três fatores básicos, que podem explicar o que ocorreu de um ano para outro.

### AS CAUSAS

Primeiro, o inverno foi rigoroso, e houve problemas desde a formação até o desenvolvimento das pastagens. É que a grande maioria dos produtores não mantém pastagens perenes, e forma apenas áreas com forrageiras anuais. No verão, quando a produção poderia ter reagido, também aconteceu de novo o mesmo impasse, relacionado com pastagens, pois o clima não favoreceu. Teve meses de chuvas intensas e outros com estiagem, e o pasto não apresentou os resultados esperados.

O segundo fator apontado pelo Lopes, e que teve participação na redução da produção, foi a expectativa criada em torno dos bons preços que seriam conseguidos pela soja em 84. O produtor meio que se descuidou das pastagens, e pensou em investir mais em áreas destinadas à lavoura. Para completar, muita gente não se preocupou muito em aumentar a produção no verão, porque isso implicaria num maior volume de leite excesso. Este foi o terceiro fator determinante da redução na produção do leite no ano passado.

### SEM EXCESSO

Mas os que pensaram assim, preocupados com o excesso, terminaram sendo surpreendidos por uma decisão da CCGL

(Cooperativa Central Gaúcha de Leite). A indústria não pôs em prática a tabela de preços do leite excesso, exatamente em função da queda na produção. Quem estava alarmado com a baixa remuneração do produto, em comparação com o aumento de custos, foi então beneficiado pela medida, adotada de uma hora para outra.

A própria CCGL realizou um levantamento de custos, em agosto do ano passado, e chegou à conclusão de que o litro de leite custava para o produtor em torno de Cr\$ 180,00, enquanto que, naquele mês, o preço do leite consumo estava em Cr\$ 131,00. Apesar de ter sido reajustado seis vezes em 83, o preço pago ao produtor (veja na tabela) teve uma correção de 214,55 por cento, no caso do leite consumo, durante todo o ano. O reajuste acumulado ficou igualado ao índice da inflação, mas longe do aumento dos preços dos insumos e custos em geral.

Com todos os problemas para formação de pastagens, e sem um preço realmente compensador, o produtor não se viu muito entusiasmado, e teve até alguns casos de gente que abandonou a atividade. É claro que estes não são os que vêm se dedicando há mais tempo à produção leiteira, pois o produtor tradicional continuou na atividade, apesar de reduzir a quantidade de leite entregue. Lopes ressalta que toda esta situação registrada em 83 na Pioneira aconteceu também em quase todo o Estado.

### NOVA QUEDA

Nos primeiros meses de 84, a redução na produção, em relação ao mesmo



O gado sentiu a falta de pasto, tanto no inverno como no verão

período de outros anos, continua se mantendo. A queda mais expressiva aconteceu a partir da segunda quinzena de março, quando se inicia a colheita da soja e, é claro, o agricultor passa a dar maior atenção à safra. A produção geralmente começa a cair em abril, e se mantém baixa até junho, mas este ano a entressafra parece estar começando mais cedo. Tanto que em março a previsão de recebimento na Pioneira era de 1 milhão e 956 mil litros, e terminou ficando em 1 milhão e 549 mil.

Tudo isso é reflexo dos problemas acumulados em 83 e no verão, mas não há, por enquanto, nada que indique que esta situação possa caracterizar uma crise na produção leiteira. Lopes acha que as dificuldades são momentâneas, e devem ser superadas, se o produtor investir mais em pastagem este ano. Ele se diz otimista, e prevê até o início da recuperação da produção a partir da segunda quinzena de

maio ou pelo começo de junho.

### OS PREÇOS

Para que esta recuperação aconteça, é preciso, afinal, que o produtor se veja estimulado a continuar na atividade e, se for o caso, investir nela ainda mais. Aí é que entra a questão da remuneração, dos preços pagos pela indústria. Este ano, o primeiro reajuste aconteceu no dia 20 de março, e o leite consumo passou de Cr\$ 173,00 para Cr\$ 206,00, numa correção de 36,41 por cento. O preço indústria passou de Cr\$ 166,00 para Cr\$ 223,00, com aumento de 34,33 por cento.

Um ponto positivo é que este ano já se sabe que os reajustes serão a cada três meses, e por isso o próximo deve acontecer em junho, quando se espera que não fique abaixo de 35 por cento. O importante — segundo Lopes — é que o produtor tente adequar os custos à sua realidade, deixando de lado as rações e formando áreas com pastagem.

### RECEBIMENTO MENSAL NA REGIÃO PIONEIRA DESDE 1980

Meses	1980		1981		1982		1983		1984	
	Produção	Nº Produtores	Produção	Nº Produtores						
Janeiro	1.962.392,8	3.020	2.226.947,7	2.991	2.456.333,5	3.204	2.288.880,9	3.330	1.886.160	3.020
Fevereiro	1.714.836,0	3.016	1.908.059,5	3.067	1.951.058,1	3.182	1.943.594,8	3.294	1.752.347	3.021
Março	1.593.441,0	3.008	1.871.530,5	3.100	2.019.073,8	3.147	1.876.566,3	3.239	1.549.482	2.963
Abril	1.364.387,5	2.787	1.329.325,6	2.858	1.598.960,1	3.049	1.366.159,7	3.057	1.545.000	3.060
Maio	1.111.471,5	2.656	1.171.190,0	2.711	1.404.593,3	2.942	1.148.762,3	2.906	1.449.000	3.050
Junho	1.083.172,5	2.560	1.248.662,0	2.625	1.483.196,8	2.861	1.264.497,0	2.847	1.535.000	3.020
Julho	1.230.128,7	2.511	1.668.293,0	2.795	1.881.199,2	2.994	1.425.631,4	2.810	1.895.000	3.000
Agosto	1.476.884,4	2.583	2.104.619,5	2.964	2.187.997,9	3.124	1.698.063,0	2.872	2.082.000	3.010
Setembro	1.717.408,0	2.741	2.164.627,5	3.075	2.341.674,3	3.295	1.957.050,3	2.929	2.270.000	3.020
Outubro	1.964.420,0	2.770	2.550.187,5	3.185	2.416.870,8	3.365	2.135.945,7	2.999	2.408.500	3.020
Novembro	1.872.182,5	2.962	2.295.340,0	3.250	2.149.715,1	3.236	1.866.131,4	3.032	2.150.000	3.050
Dezembro	2.083.205,5	2.953	2.376.202,5	3.246	2.349.799,8	3.310	1.766.560,8	3.014	2.309.500	3.080
Total Ano	19.173.930,4	—	22.914.985,3	—	24.240.427,7	—	20.737.843,6	—	22.831.989	—
Média/mês	1.597.827,5	2.797	1.909.582,1	2.989	2.020.039,4	3.142	1.728.153,6	3.027	1.902.666	3.026
Média/dia	52.531,3	—	62.780,8	—	66.412,3	—	56.816,0	—	62.553	—

OBS: Os dados a partir de abril de 1984 são previsões

## O grande "chora" mais que o pequeno

A pecuária de leite pode estar se encaminhando para mais um período de crise? Fica difícil de se dizer, mas a choroadeira dos grandes produtores de leite já é intensa, em São Paulo e Minas, que são Estados com fazendas tradicionais nesta área. Estes fazendeiros chegam a dizer que a atividade só é viável agora para os pequenos criadores, em função dos altos custos das rações, da mão-de-obra e outros componentes dos custos. A explicação dada por eles é a de que quanto mais precária for a produção, sem grandes investimentos, maior será o lucro.

É claro que não é bem assim, mesmo que os custos de manutenção de uma criação mais especializada tenham de fato aumentado bastante. Dados levantados pela Secretaria da Agricultura de São Paulo mostram que a situação na área leiteira, meio desfavorável no momento, é quase

que geral. Estes números revelam que desde 1979 o produtor não consegue empatar os custos com a receita. As despesas, a partir daquele ano, foram sempre maiores que os ganhos conseguidos com o leite.

O que diferencia o grande produtor do pequeno, neste caso, é que o primeiro deixa a atividade e investe em outras, como o gado de corte. O pequeno, sem muitas alternativas, vai resistindo até onde der, como admitem os próprios fazendeiros. Só que ninguém vai aceitar esta afirmação, de que para a pequena propriedade o leite continua dando bons resultados. O próprio produtor sabe que uma conclusão destas é simplista demais.

### COMPARAÇÕES

Pois o João Valmir Cezimbra Lopes andou levantando uns dados que mostram o leite como um dos produtos menos re-

munerados. De abril de 83 até abril deste ano, a soja teve um aumento de 488,38% (preço do dia da Cotrijui), passando de Cr\$ 3.960,00 para Cr\$ 19.340,00. O milho subiu 428,64 por cento, de Cr\$ 1.938,00 para Cr\$ 8.500,00; e a ração, 422,24% de Cr\$ 49,45, o quilo, para Cr\$ 208,80. Já o leite teve um reajuste de 327,67%, passando de Cr\$ 72,00 (litro do leite consumo), para Cr\$ 236,00.

A inflação, neste período, ficou

em 229,7 por cento, mas o que conta muito mais é o aumento direto do custo da produção, que supera muito este índice, tanto para grandes como para pequenos produtores. Com estes números, ninguém está recomendando que a atividade seja deixada de lado. Mas as comparações dão o que pensar, numa hora destas em que o leite remunera cada vez menos quem produz e encarece cada vez mais para quem consome.

### OS PREÇOS PAGOS PELA INDÚSTRIA

MÊS/83	CONSUMO	INDÚSTRIA	EXCESSO	ÁCIDO
Janeiro	55,00	51,50	40,00	10,50
Março	72,00	67,50	55,00	13,50
Junho	100,00	93,00	77,00	19,00
Setembro	131,00	124,00	87,00	26,00
Outubro	140,00	133,00	93,00	30,00
Dezembro	173,00	166,00	121,00	37,50
Março (84)	236,00	223,00	163,00	50,00

# Menos verbas, mais lavoura

*Custeios ficam abaixo dos esperados. Mesmo assim, área de plantio deve crescer*

O trigo, a aveia, a linhaça, a colza, a cevada e as forrageiras deverão ocupar áreas bem mais expressivas este ano na Região Pioneira, onde boa parte do solo vinha ficando descoberta nos últimos invernos. O aumento na área de plantio começa pelo próprio trigo, que pode ocupar uns 120 mil hectares na Pioneira, contra os 81.500 hectares da safra passada. O mais importante é que, proporcionalmente, devem crescer mais ainda que o trigo as áreas diversificadas, apesar dos baixos VBCs fixados para este ano.

O custeio para o trigo ficou bem abaixo do que era reivindicado pelas cooperativas, e isso não deixa de ser novidade. Só que a diferença entre os custos levantados e os valores anunciados pelo governo é bastante grande. O VBC ficou em Cr\$ 193.800,00, para a faixa de mil a 1.200 quilos de produtividade, enquanto a Fecotriço reivindicava Cr\$ 244.425,00 e a Cotrijuí havia feito cálculos que indicavam uma necessidade de Cr\$ 305.181,00.

## MÍNIMO

Também o preço mínimo ficou bem longe do esperado, sendo estabelecido em Cr\$ 18 mil, a partir de abril, com correções até a comercialização. Considerando-se a variação da cotação do dólar, que serve para a correção mensal do preço, o valor deve ficar em torno de Cr\$ 38.500,00 em dezembro, quando do pique da comercialização. Esta é uma estimativa, que mostra a diferença entre o esperado e o preço mínimo que vai vigorar, pois o valor necessário deveria ficar em Cr\$ 48.546,00, conforme dados levantados pelo tecnólogo Luís Juliani, que lida com custos no Departamento Agrotécnico da Cotrijuí.

Este ano (veja ao lado) vai pesar bastante nos custos da lavoura o aumento na taxa de juro. Tanto que as despesas financeiras, também de acordo com números levantados pelo Juliani, representarão 45 por cento dos custos de produção. Mesmo assim, o produtor vai apostar no trigo este ano bem mais que em 83, e o aumento na área de plantio é prova disso. Afinal, como lembra o diretor técnico da Cotrijuí, Renato Borges de Medeiros, perde mais quem deixa de correr algum risco com o trigo e prefere deixar o solo descoberto no inverno, desprezando



O trigo deve voltar a ocupar mais espaço, mas dentro de limites aceitáveis

também as demais alternativas para produção de grãos ou formação de pastagens.

## RENDIMENTO

Em 83, o trigo teve uma safra razoável, com produtividade média de 989 quilos por hectare na Pioneira. Mais uma vez a redução de área teve como resposta uma boa safra, como ocorreu nos últimos anos, por coincidência ou talvez até porque a lavoura pôde ser melhor cuidada, além — é claro — das condições climáticas terem favorecido. Com o aumento de 81.500 hectares para 120 mil, de acordo com as previsões feitas para a Região, a lavoura pode ficar perto da extensão ideal, como observa o Renato.

O limite ideal para o trigo seria o equivalente a um terço da área cultivável da Região, que é de uns 400 mil hectares, para que os riscos não sejam muito grandes. Este ano os produtores devem repetir, por experiência própria, ensinamentos que vão tirando de cada safra. A lavoura deverá ter tecnologia moderada, sem grandes investimentos em fungicidas. Não está provado até agora que o uso generalizado do produto, por todos os tricultores do Estado, viabiliza de fato a lavoura. O que não quer dizer, segundo o Renato, que esteja se contestando a eficiência técnica dos fungicidas, amplamente comprovada.

A questão está na viabilidade econômica do investimento, o seu retorno para o produtor em forma de ganhos. O próprio agricultor é que deve avaliar o nível de sua lavoura e daí tirar conclusões sobre as vantagens do uso dos químicos, como alguns já vêm fazendo. Também este ano pode se confirmar a tendência de que há varia-

des bem mais resistentes às doenças, que dependem assim de menos tecnologia. Estas são as BR-4, BR-5, Minuano, Mascarenhas e o conhecido Maringá.

## AVEIA

A aveia vem liderando as culturas alternativas de inverno, nos últimos anos, e deve continuar na ponta, mesmo que a safra de 83 tenha sido uma das piores na Região. O VBC para a cultura, como no caso do trigo, ficou igualmente longe do esperado, com Cr\$ 124.600,00, para a faixa de produtividade de mil a 1.400 quilos por hectare. A Cotrijuí fez cálculos que indicam a necessidade de Cr\$ 240.463,00, em função do aumento dos custos. Em 83, a aveia enfrentou o ataque de ferrugem, possivelmente em função da repetição do plantio das mesmas variedades que vêm sendo semea-

das há uns 10 anos na região, a Suregrain, Coroado e Ipecuen.

Estas variedades, plantadas tanto para grãos como para pastagem, talvez venham a ser aos poucos substituídas na Região, com a atenção que a pesquisa dá hoje à aveia. As faculdades de Agronomia de Porto Alegre e Passo Fundo e o Centro de Treinamento da Cotrijuí vêm trabalhando nesta área. Muito material já foi inclusive testado e deixado de lado, mas há variedades com boas perspectivas, como a UPF-3, UPF-4 e CTC-207B.

## VARIEDADES

São variedades em testes há cinco anos, e que neste inverno podem proporcionar a formação de uns 1.000 hectares, com sementes produzidas pelos associados da Cotrijuí. Renato Borges de Medeiros acredita que, dependendo dos resultados, é provável que na próxima safra haja semente para que cada produtor plante um pouco. Estes cultivares são próprios para produção de grãos, e em 83 chegaram a rendimentos de até 2.400 quilos por hectare, quando a média na Região ficou em 550 quilos.

O mercado para aveia continua muito bom, e deve se manter sem problemas na hora da comercialização. Ênio Weber, que cuida desta área na Cotrijuí, lembra que em 82 o quilo do produto foi vendido a Cr\$ 37,00 e que na safra passada saltou para Cr\$ 200,00, num aumento de 440 por cento. Com uma melhora na qualidade dos grãos, este mercado será ain-

## OS VBCs PARA TRIGO, AVEIA E CEVADA

* TRIGO (FAIXA)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	VBC - Cr\$/ha
1	Até 600	105.200,00
2	601 a 800	139.800,00
3	801 a 1.000	166.800,00
4	1.001 a 1.200	193.800,00
5	1.201 a 1.400	239.500,00
6	Acima de 1.400	274.200,00

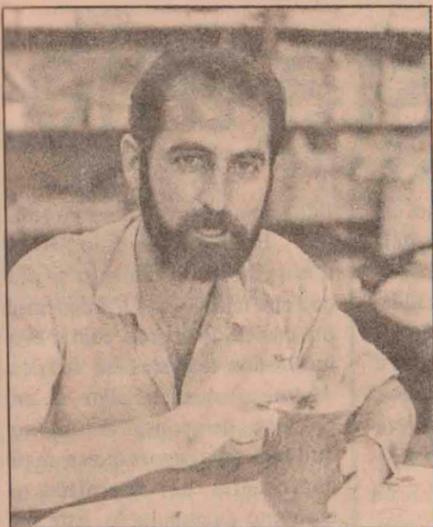
  

* AVEIA (FAIXA)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	VBC - Cr\$/ha
1	Até 1.000	88.300,00
2	1.001 a 1.400	124.600,00
3	1.401 a 1.800	158.500,00
4	Acima de 1.800	187.300,00

* CEVADA (FAIXA)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	VBC - Cr\$/ha
1	Até 1.200	125.900,00
2	1.201 a 1.600	159.400,00
3	1.601 a 2.000	227.900,00
4	Acima de 2.000	245.700,00

\* Os mini e pequenos produtores continuam recebendo 90 por cento do VBC; os médios, 60; e os grandes, 40 por cento.



Renato: pior é a terra ficar nua

da mais compensador, pois o Brasil chega a importar aveia para suprir a demanda.

**CEVADA**

A cevada é uma das boas surpresas entre as alternativas de inverno. A cultura é considerada tecnicamente marginal para a Região, por exigir clima seco e frio, mas teve rendimentos considerados muito bons nas últimas safras. A produtividade média na Região, em 83, foi de 1.133 quilos por hectare, apesar do ataque de doenças. Renato observa, no entanto, que ninguém deve se empolgar demais com esta cultura. É preciso manter a cautela dos últimos anos, para que o crescimento da lavoura aconteça sem pressa e com segurança.

O tecnólogo Ênio José Facco e o agrônomo Leo Goi, do Departamento Agrotécnico da Cotrijuí, participaram, em março, do encontro para avaliação da cevada, promovido pela Embrapa em Passo Fundo. E uma das principais conclusões trazidas de lá é a de que também esta lavoura deve ter tecnologia moderada. Facco lembra que de nada adiante investir em fungicidas, se não houver antes uma maior atenção às condições do solo. "Seria como servir a sobremesa antes de se oferecer a refeição", compara o tecnólogo, ressaltando que amostragens com fungicidas na Região demonstraram isso.

Nas lavouras em que se aplicou fungicida, o retorno econômico não foi o esperado, exatamente porque o produto químico sozinho não fará milagres. A preocupação, no momento, é com a melhoria da qualidade da cevada que se produz na Região, pois as indústrias são exigentes. O mercado — apesar de restrito às cervejarias — continua favorável, segundo Ênio Weber, pois também neste caso as necessidades do país são supridas com importações. O VBC para a cevada, na faixa de mil a 1.600 quilos, ficou este ano em Cr\$ . . . . 159.400,00.

# Colza: um longo aprendizado

A colza vem apresentando altos e baixos, mas continua ganhando força como opção de inverno que tem tudo para dar certo. É uma cultura com grande potencial, que precisa apenas de tempo para se firmar, segundo o diretor Agrotécnico da Cotrijuí. A Cooperativa liderou os experimentos nesta área, e hoje conta a ajuda da Embrapa, que vem realizando pesquisas. Na Região, as variedades que mais têm correspondido são as CTC-4 e CTC-7.

Em 83, a colza foi prejudicada pelo excesso de chuvas, no início do ciclo, mas não chegou a enfrentar grande ataque de pragas, e seu rendimento médio ficou em 920 quilos por hectare. A produtividade é boa e pode melhorar ano a ano, a partir da experiência do produtor, que vai descobrindo a melhor forma de manejo da lavoura. Um dos problemas da colza se manifesta na hora da colheita, com a debulha dos grãos.

Renato acha que aos poucos, com a adaptação das variedades e a evolução natural da lavoura, esta deficiência poderá ser superada. Acontece que a colza tem uma maturação desuniforme, e isso faz com que aconteça a debulha na hora da colheita. É preciso acompanhar bem de perto a lavoura, para que a colheita aconteça no momento em que as perdas podem ser reduzidas ao máximo.

O custeio para a colza pode ficar

em Cr\$ 223.440,00, considerando-se uma produtividade de 1.064 quilos por hectare, que foi a melhor dos últimos cinco anos na Pioneira. A cultura não conta com VBC oficial, e este valor foi calculado por Juliani. Todos os anos tem acontecido assim, e o Banco do Brasil aprova o custeio solicitado sem restrições. O mercado para a colza, depois de algumas indefinições, vem se mantendo firme nos últimos anos. As indústrias precisam de grãos para esmagar, e a comercialização tem acontecido sem problemas.

**LINHAÇA**

A linhaça deu bem na última safra, com uma produtividade média de 830 quilos por hectare, e isso já não é novidade. Esta cultura tem apenas um ponto negativo para a Região, segundo os agrônomos José Luís Kessler e Léo Goi. As variedades que estão sendo plantadas têm

ciclo longo, e isso prejudica depois a formação da lavoura de soja. Mas a pesquisa já vem trabalhando no sentido de oferecer novas variedades mais precoces, e quando isso ocorrer é certo que a linhaça ganhará maior importância como alternativa de inverno.

Como acontece com a colza, a linhaça não tem VBC oficial ou preço mínimo, e por isso o custeio é baseado em cálculos feitos pelo Departamento Agrotécnico. Para este ano, se prevê a necessidade de Cr\$ 190.809,00 para formação de um hectare, levando-se em conta a produtividade de 955 quilos, que é a melhor das últimas cinco safras. Também neste caso o Banco do Brasil deve aprovar o valor do custeio sugerido pela Cotrijuí. O mercado para a linhaça tem sido favorável, e deve se manter seguro.

**A LAVOURA DO ANO PASSADO**

Culturas	Área (Ha)	Rendimento médio kg/ha	Rendimento (em relação a 82)	Produção (toneladas)	Produção (em relação a 82)
Trigo	81.500	989	+ 130%	80.930	+ 12%
Aveia	8.930	550	- 50%	4.912	- 9%
Cevada	5.660	1.133	+ 216%	6.414	+ 217%
Linhaça	2.790	830	+ 64%	2.315	+ 144%
Colza	1.730	920	+ 13%	1.593	+ 135%

\* Os rendimentos da maioria das culturas foram superiores em 83, em relação a 82. E a produção, é claro, também foi maior, com exceção da aveia. O trigo teve lavoura 49 por cento menor que a anterior, e a aveia, 39 por cento. Todas as demais tiveram áreas aumentadas em 83, em comparação com 82.

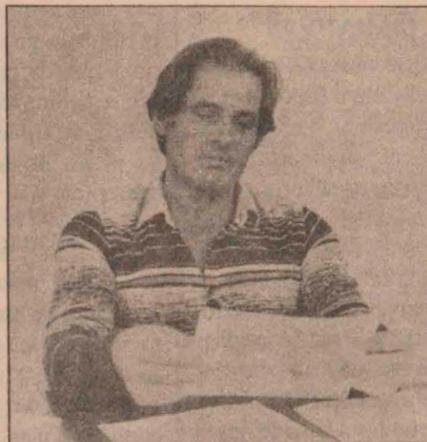
## Nem todos poderão plantar trigo

Desta vez é pra valer. Muitas agências do Banco do Brasil não irão liberar este ano as verbas de custeio para quem pretende plantar trigo sobre trigo na mesma área. É o que começa a acontecer na agência de Ijuí, onde o chefe da Carteira de Crédito Rural, Armando Miron, garante que apenas cumpre orientação da direção central. Nos últimos anos, muito se falou nesta recomendação, mas a verdade é que ela não vinha sendo colocada em prática.

Agora, o Banco vai fazer cumprir a exigência, analisando caso a caso. Um produtor que plantou 45 hectares de trigo em 83, e não tem outra área disponível para a lavoura, poderá formar apenas um terço deste total, ou seja, 15 hectares. É claro que, se a propriedade tem mais terra disponível, ele poderá até ampliar a lavoura. Mas nunca será permitido o plantio de trigo, numa mesma área, com a mesma extensão da anterior, por um prazo de no mínimo três anos.

**JURO**

Miron acha que assim o Banco do Brasil também vai incentivar a diversificação, e evitar os casos de Proagro provocados pela monocultura, que leva principalmente ao surgimento do mal-do-pé. Esta é uma das novidades deste ano, que tem outra bem mais preocupante: o aumento do juro da verba de custeio. Na última safra, inclusive a de soja, a taxa foi de 15 por cento da correção monetária, mais três por cento. Agora, com a retirada do



Miron: não vai faltar verba

subsídio ao crédito rural, o produtor estará formando sua primeira lavoura com taxa de 100 por cento da correção, mais três por cento ao ano.

Isso quer dizer que o juro talvez fique ao redor de uns 186 por cento, considerando-se a média da correção monetária. Mas, mesmo assim, o gerente da Carteira de Crédito Rural está certo de que o agricultor não deixará de pegar o custeio, apesar do juro alto. As estimativas feitas pela agência confirmam que deve ocorrer um aumento na área de inverno, desde o trigo até outras culturas, mesmo que o VBC e o preço mínimo não sejam estimulantes.

No ano passado, a agência financiou a formação de 38.481 hectares de trigo, em Ijuí, Augusto Pestana e Ajuricaba, que estão em sua área de ação, incluindo-se os

repasse à Cotrijuí e as verbas liberadas diretamente ao produtor. "Este ano, nós estamos com uma previsão de que podem ser financiados 60 mil hectares", diz Armando Miron. Também a aveia deve ter área ampliada, de 2.418 hectares para uns 5 mil hectares, e a cevada de 2.841 para também 5 mil hectares, nos três municípios.

**APOSTAR**

"O produtor está disposto a investir nas lavouras de inverno", diz ele, que garante o atendimento de todos os pedidos de custeio. "O novo ministro, Nestor Jost — afirma Miron —, assegurou que não faltarão recursos, e nós temos que apostar no que disse". No ano passado, muito pouco do que foi aplicado nas lavouras de inverno deixou de retornar ao banco, pois foram raros os pedidos de Proagro. Desta vez, Miron espera que a situação se mantenha.

Esta será a segunda lavoura de inverno formada desde a tal de desburocratização do crédito, baixada pela circular 706, no segundo semestre de 82. O produtor pode continuar usando sementes que não sejam fiscalizadas, desde que estas passem por análise, e até mesmo reduzir o uso de fertilizantes. Mas é claro que, no caso de frustração, ele terá que provar que não se descuidou ao escolher a semente e formar a lavoura. Por isso, é bom que o certificado da análise e os comprovantes dos fertilizantes e outros insumos sejam guardados.

# Lentilha, nova opção este ano

O alho, que já se consolidou na Região Pioneira como opção de inverno, ganha uma nova companhia este ano: a lentilha. As duas culturas têm em comum o fato de serem alternativas em que conta muito mais o número de produtores envolvidos na atividade, do que a extensão de suas áreas. Como o alho, também a lentilha deverá ocupar espaços de meio a um hectare em cada propriedade, mesmo porque é uma lavoura que só agora volta a merecer atenção e precisa se firmar aos poucos.

A lentilha já foi plantada em pequenas áreas nos municípios da Pioneira, anos atrás, e especialmente em Jóia, como lembra o agrônomo Hélio Pohlmann. Mas aos poucos a cultura foi sendo deixada de lado,

em função de fatores de ordem técnica e econômica. Primeiro, porque as variedades vinham sendo plantadas há uns 20 anos e não havia renovação de cultivares, pois a pesquisa não se dedicou a este tipo de trabalho. Houve então a proliferação natural de doenças, provocada pelo cultivo seguido das mesmas variedades.

Além disso, a lentilha não recebe muitos incentivos como lavoura de inverno. Tanto que não conta com VBC ou preço mínimo, o que faz com que o Brasil tenha que importar o produto do Chile. Mas há uns três anos a Cotrijuí passou a investir na cultura, junto com a Universidade Federal de Santa Maria, para multiplicação de variedades novas. Estes cultivares são agora

colocados à disposição dos produtores, no primeiro ano em que há uma boa disponibilidade de sementes.

A lentilha é uma planta simples, segundo Hélio Pohlmann, mas que deve ser plantada em solo com boa estrutura. Não há custeio para a lavoura, pois as áreas serão pequenas, de até um hectare. A cooperativa se compromete a receber toda a produção, que deverá ser vendida depois, já empacotada, pela rede de mercados da Cotrijuí ou a terceiros. O mercado para a lentilha é considerado bom, e os preços têm sido compensadores.

## ALHO

O alho teve uma safra boa para os tardios (Portela) e ruim para os precoces (variedades comuns), no ano passado, em con-

seqüência das condições do clima. Em compensação, o Portela teve um bom rendimento e ficou entre os alhos de melhor qualidade já produzidos na Região. A área em 83 foi de 145 hectares, e deve crescer um pouco este ano, quando a Cotrijuí somente irá distribuir sementes de alhos Portela e Roxo.

Estas variedades estão apresentando os melhores rendimentos e qualidade, e não são exigentes em fertilidade do solo, como observa Hélio Pohlmann. Isso não quer dizer que o alho comum não será recebido pela Cotrijuí, que dá cada vez mais atenção à qualidade do produto, sem desprezar, é claro, o alho inferior. Há hoje na Pioneira uns 700 associados envolvidos nesta

lida, e o número tende a crescer.

Em 83, o mercado não foi dos melhores. O aumento de preço, em relação a 82, ficou mais ou menos de acordo com a evolução dos reajustes de salários. Acontece que o alho é um produto de consumo interno, que tem seus preços diretamente dependentes da capacidade de consumo da população. Este ano se espera uma melhora, em função até mesmo de uma possível redução de áreas em zonas produtoras tradicionais de Santa Catarina e Minas, que dependem muito do crédito, escasso hoje em dia. Na Região Pioneira, o custeio para o alho este ano ficou na faixa do VBC de Cr\$ . . . 1 milhão e 447 mil, para uma produtividade de 3.501 a 4.500 quilos por hectare.

## Hora de programar as pastagens

Não é nenhuma novidade, que na produção leiteira a produtividade só atinge os níveis desejados quando as vacas são muito bem alimentadas. Quanto mais uma vaca comer, maior será a sua produção de leite. Mesmo assim, a alimentação ainda tem sido encarada, por grande parte dos produtores, como um fator secundário dentro da atividade, mas que tem sido responsável pela queda da produção de leite nos meses de outono (abril, maio e junho). Geralmente neste período crítico, sem pastagens suficientes para alimentar os animais, o produtor se vê obrigado a recorrer a concentrados comerciais, o que torna a atividade praticamente inviável, sob o ponto de vista econômico, devido aos altos custos destas rações.

A questão da alimentação é velha, "uma tecla batida e rebatida", como diz o veterinário e coordenador do setor de Pecuária Leiteira da Cotrijuí, Otaliz de Vagas Montardo, e que não vai mudar enquanto o próprio produtor não tomar consciência de que precisa programar melhor seu sistema de alimentação. "Está mais do que comprovado, diz ainda, que o frio nada tem a ver com a queda da produção de leite. O problema é de alimentação e não climático".

A preocupação maior do Otaliz diz respeito a não aplicação, por parte da CCGL, da portaria da Sunab que estabelece a formação de cotas nos meses de inverno. "É preciso manter o nível de produção, pois nada nos

garante que lá pelo mês de novembro a CCGL não volte a aplicar o leite excesso. A Portaria da Sunab ainda está aí, para ser aplicada", alerta Otaliz. Mantendo a produção em equilíbrio, o produtor não corre o risco de produzir leite com prejuízo durante o verão, caso a Central de Leite volte aplicar o leite excesso.

### ALTERNATIVAS

Para os meses críticos que já se aproximam, o produtor que não se programou com antecedência e nem conservou alguma pastagem, feno ou silagem, ainda tem a alternativa de oferecer mandioca ou casa, alimentos produzidos na propriedade e sem um custo muito elevado. Outra alternativa fica por conta das rações comerciais. Aqueles produtores que costumam fornecer concentrados à base de farelo de trigo e milho moído, precisam tomar certos cuidados, pois estão usando uma alimentação muito rica em energia, mas pobre em proteínas. "Para equilibrar melhor o concentrado, se faz necessário misturar um pouco de farelo de soja, ou até mesmo alfafa.

Todas estas alternativas são soluções para contornar o problema de imediato, enquanto que o ideal seria programar o sistema de alimentação com muita pastagem, de tal forma, que os animais tivessem o que pastar por quase todo o ano. O José Luís Kessler, agrônomo responsável pelo setor de forrageiras da Cooperativa faz um alerta dizendo que antes de esquematizar

qualquer programação, o produtor deve ter bem definido a quantia de pastagem a produzir, o pasto a ser plantado e a necessidade do rebanho. Ele terá de considerar o número de animais do rebanho que estiverem em lactação e que necessariamente precisarão de muito alimento, principalmente nos meses críticos para continuar equilibrando o nível de produção. "Um bom programa de pastagens realmente é a melhor forma de fazer economia na alimentação em todos os meses do ano", assegura o agrônomo.

### CONSORCIAR

Mas para que qualquer programa de pastagens funcione durante quase todo o ano, o José Luís sugere "uma mistura de pastagens", de gramíneas com leguminosas plantadas juntas. Uma outra opção seria o milheto semeado junto com o azevém, ainda em fevereiro. Quando o milheto chega ao final, o azevém já está germinando. Também poderão ser utilizadas nesta época a alfafa, que produz feno de excelente qualidade, e também a silagem. Por sinal, o pessoal técnico andou fazendo algumas avaliações no Centro de Treinamento, consorciando alfafa com gramínea. A alfafa aprovou junto com a pensacola e com o capim guenoaro. A bermuda também se dá muito bem consorciada com os trevos brancos. A aveia e o azevém também apresentam bons resultados em consórcio com os trevos ou até mesmo com a ervilhaca.



Bem programadas, as pastagens oferecem alimento para todo o ano

Segundo o José Luís, outras pastagens que oferecem pastejo por esta época do ano, são as perenes de verão, sempre plantadas em consórcio com alguma leguminosa. Entre as perenes que encerram o seu ciclo de produção por fins de maio, o produtor pode contar com o capim pânico, a setária, o guenoaro, consorciado com o desmódio, siratro ou soja perene e o capim elefante em consórcio com o feijão-miúdo, lab-lab ou o feijão mucuna.

Normalmente estas pastagens perenes, de verão, não estão tendo um maior aproveitamento na produção de leite, principalmente nos meses críticos, porque os produtores não fazem um manejo adequado. "Nos meses de janeiro e fevereiro, o produ-

tor pode perfeitamente aproveitar melhor as pastagens nativas que ainda existem e inclusive o próprio milheto, reservando as demais pastagens para os meses críticos, até que venham as de inverno", aconselha o agrônomo. Se ainda em fevereiro o produtor já estiver esgotado toda a sua pastagem, realmente terá de comprar ração comercial, se não quiser que a sua produção de leite caia a quase zero, porque as pastagens de inverno só estarão disponíveis a partir de junho. Com um bom esquema de alimentação, sem necessidade de comprar rações concentradas, a atividade leiteira será sempre uma alternativa econômica dentro da propriedade, colocada ao lado de outras atividades, recebendo igual atenção.

# Tecnologia Alternativa

## Falta intercâmbio nas informações

A necessidade das instituições envolvidas com tecnologias alternativas promoverem um maior intercâmbio de informações sobre as atividades desenvolvidas junto aos agricultores, para evitar que práticas alternativas perfeitamente viáveis para toda uma região fiquem restritas apenas a uma comunidade ou propriedade, foi a principal conclusão a que chegaram os participantes do Encontro Regional sobre Tecnologias Alternativas. Realizado em fins de março, no Centro de Treinamento, o Encontro foi promovido pelo Departamento de Ciências Agrárias da Fidene/Unijuí e pela Cotrijuí.

A realização do Encontro Regional foi definido durante um encontro nacional, realizado em dezembro passado na cidade paulista de Campinas e que teve a coordenação da Federação de Assistência Social e Educacional (Fase). O encontro de Ijuí foi o primeiro a ser realizado a nível regional, e que envolveu delegações do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Representantes de 17 instituições e 47 pessoas, das quais 11 eram agricultores, passaram os dois dias no CTC discutindo agricultura alternativa.

A Fidene/Unijuí, através de seu Departamento de Ciências Agrárias, foi a instituição escolhida, durante a realização do Encontro, para atuar como centraliza-

dora de todas as informações sobre tecnologias alternativas que forem publicadas em qualquer um dos três Estados. No final do ano, estas publicações serão avaliadas e discutidas as formas de operacionalizar aquelas que forem mais viáveis.

### OS DEBATES

Durante todo o Encontro muito se falou em alternativas para o meio rural, capazes de envolver não apenas o setor de produção, mas também outras áreas ligadas a atividade, como a pesquisa e a extensão rural. Afora os debates, que correram soltos, os participantes tiveram a oportunidade de verificar a nível de campo as atividades que vêm sendo desenvolvidas pela Cotrijuí no CTC, principalmente no que diz respeito a tecnologias alternativas.

Além da representatividade, considerada muito boa pelo agrônomo Luís Fernando Fleck, do Departamento de Ciências Agrárias da Fidene, outro ponto positivo do Encontro foi o fato do mesmo referendar o interesse existente por parte das instituições presentes, em buscar tecnologias alternativas aos pequenos produtores. "Quem pensa em agricultura de forma diferente daquela que conhecemos, discutiu o assunto, levantando inclusive muitas sugestões, gerando amplo debate, que se de um lado enriqueceu o Encontro, do outro

dificultou a operacionalização dos temas levantados". O professor Sérgio Lara, por sua vez, acredita que o Encontro serviu para definir alguns pontos básicos. "Na medida em que as sugestões apresentadas comecem a ser operacionalizadas, acontecerá um impulso muito grande no trabalho desenvolvido pelas instituições da Região Sul do país". O Encontro mostrou ainda, segundo Luís Fernando e Sérgio Lara, a necessidade de envolver profissionais de diferentes áreas nos trabalhos a serem desenvolvidos. "Acreditamos também que os trabalhos devem contar com a participação de várias entidades para o seu planejamento e execução".

### MELHORAR A ORGANIZAÇÃO

Segundo Sérgio Lara, o movimento conhecido como "tecnologias alternativas" tem a intenção de organizar o sistema de produção, de forma a melhorar o padrão de vida através de uma maior segurança econômica aos pequenos produtores, "oferecendo um assessoramento para a luta de permanência no campo". A questão das tecnologias alternativas não é uma resposta ao problema. "Ela só vai ganhar importância na medida em que se alia na luta dos trabalhadores rurais. É buscar meios para se fazer uma agricultura mais estável e menos dependente de recursos", finaliza.

## As resoluções

No final do encontro os participantes tomaram algumas resoluções, visando dar prosseguimento aos trabalhos de divulgação de tecnologias alternativas, iniciada em dezembro do ano passado, durante uma reunião realizada na cidade paulista de Campinas.

A primeira resolução diz respeito a formação de uma coordenação regional, que conta com a participação de representantes estaduais. Representantes da Fidene/Unijuí, do Instituto São João Batista Vianei, de Lages, em Santa Catarina, e a Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural (Assessor), de Francisco Beltrão, no Paraná, foram os escolhidos para formar esta Coordenação. Além destas instituições, a Coordenação contará com a participação de três agricultores, sendo um deles representante de cada Estado.

O pessoal fez ainda uma reivindicação à Fase nacional, pedindo que a mesma passe a considerar a Coordenação, formada no Encontro, e as representações estaduais, como partes integrantes dos seus trabalhos. A Fase nacional participaria na coordenação geral dos trabalhos, prestando assessoria e recursos financeiros.

Na definição dos trabalhos a serem realizados a partir do encontro no CTC, se decidiu pela realização de pesquisas em comunidades rurais. Observaram que até agora a pesquisa tem se preocupado com a propriedade de forma isolada, sem estudar nem analisar o todo. Será feito um estudo, mais sistematizado, das tecnologias de processo em propriedades "referenciais", com uma espécie de coleta das tecnologias adotadas pelos agricultores, para difundí-las.

Um outro instrumento, também resolução do encontro, seria uma análise de experiências que já estão em desenvolvimento. Foram definidos o CTC, a Capra, o Instituto São João Batista Vianei e a Assessor, como instituições a serem estudadas. São entidades não governamentais e que estão há mais tempo preocupadas com a questão da agricultura alternativa. As propostas destas entidades se situam em diferentes níveis de trabalho, e cada uma delas tem uma abrangência no que se refere a metodologia de trabalho.

A última resolução tomada no encontro é a de que será feita uma coleta de todas as informações sobre práticas adotadas pelas diversas entidades, para avaliação de sua viabilidade.

## Prevrural é rejeitado

Está prevista para maio, mas sem data ainda definida, uma grande movimentação no Estado, como protesto contra o Prevrural, o projeto que propõe mudanças para a Previdência. Esta manifestação está prevista desde o dia 22 de março, quando a Fetag (Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio Grande do Sul) realizou uma assembléia, em Porto Alegre, para se posicionar sobre o assunto. Neste encontro, com a participação dos 195 delegados representantes de sindicatos, ficou decidido que o Prevrural, assim como está, não serve para os agricultores e trabalhadores rurais assalariados.

Esta posição, tirada depois de consulta em cada um dos municípios, com muito debate, defende a manutenção do projeto original, que lideranças rurais de todo o país entregaram no ano passado ao Ministério da Previdência. Os gaúchos entendem que as negociações, para possíveis alterações na Previdência, devem partir sempre deste projeto, e não do Prevrural. E as propostas apresentadas, para início de negociação, são estas:

- Não devem ser criadas categorias diferenciadas de segurados, incluindo-se entre os contribuintes os bóias-frias, na base de 8 por cento da remuneração recebida. Estes bóias-frias não podem perder a condição de segurados quando estiverem desempregados.

- A aposentadoria por velhice deve acontecer aos 60 anos para os homens, e aos 55 para mulheres. No máximo, a negociação deve admitir uma idade limite de 60 anos para os dois.

- Os tempos de serviço de trabalho urbano (na cidade) ou rural devem ser somados para fins de carência. Também deve ser somado o tempo de contribuição ao Prorural. O período de carência dos novos segurados deve ser de 12 contribuições nos casos de auxílio-doença e aposentadoria por invalidez, e de 60 contribuições nos casos de aposentadoria por tempo de serviço e velhice.

- A contribuição a ser descontada deve ser, no máximo, de 3,5 por cento da produção, de forma obrigatória, mais 3 por cento, como opção, sobre o salário-base. Esta opção, dos 8 por cento, seria escolhida ou não pelos que desejassem melhorar os valores dos benefícios.

A Contag (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura) já andou discutindo o assunto, com algumas lideranças dos Estados, mas ainda não se chegou a uma conclusão. O que se sabe, segundo Carlos Karlinski, presidente do sindicato de Ijuí e coordenador da regional da Fetag, é que o Rio Grande do Sul está bem mais avançado que os outros Estados neste debate. E a discussão deve continuar, até maio, quando da manifestação que acontecerá no Estado.



Representantes de várias instituições foram até o CTC discutir tecnologias alternativas

# O que vem depois do pique?

*O estouro dos preços, no final do ano passado, foi um acidente que talvez não se repita tão cedo*

Quando se começou a falar no fim do ciclo da soja, aí por volta de 1980, poucos esperavam que o mercado ainda fosse surpreender. Pois isso ocorreu, com o pique de setembro do ano passado. A conjugação de dois fatores básicos determinou a alta: a redução de área nos Estados Unidos e a seca naquele país. Os produtores gaúchos não conseguiram tirar proveito desta situação, que criou toda uma expectativa em torno da recuperação do mercado. Mas o pique de setembro pode ser bem mais o último suspiro do ciclo da soja, do que uma promessa de que poderemos voltar aos bons tempos da década de 70.

Passado o susto provocado pelo estouro nos preços, a hora é de parar para pensar, pois nada indica que possa acontecer um retorno à época em que a soja tinha bons preços e bons compradores. O que ocorreu em setembro foi consequência de um acidente que dificilmente irá se repetir um ano atrás do outro. Quem vem acompanhando de perto a evolução do comportamento do mercado, nos últimos anos, sabe que apostar numa melhora é muito arriscado. É claro que uma recuperação momentânea pode se repetir, mas ninguém deve exagerar no otimismo.

## PIK E SECA

A primeira boa reação no mercado, em 83, foi notada em abril, (veja gráfico na página ao lado), quando os Estados Unidos divulgaram as estimativas sobre intenções de plantio. Os EUA anunciavam uma redução na lavoura, através do tal de PIK — Payment In Kind, um programa que paga quem não quer plantar. Assim, os norte-americanos pretendem controlar os estoques de grãos, forçando uma reação de preços. Em consequência do PIK, a área de soja plantada em 82, de 28 milhões e 947 mil hectares, caiu para 25 milhões e 708 mil em 83, numa

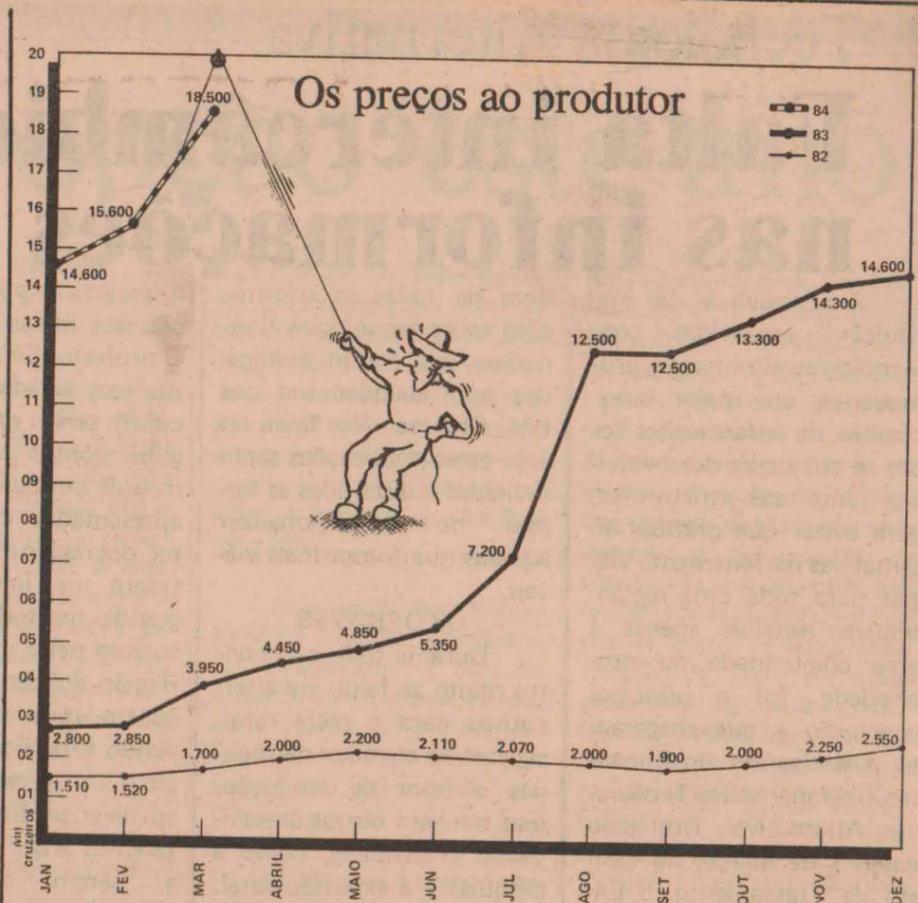
redução de quase 12 por cento. Também o milho fica com lavoura de 24 milhões e 370 mil hectares, contra os 33 milhões e 117 mil de 82.

Em julho, o mercado reage de novo, quando já se fala na seca nos Estados Unidos. A partir daí, os preços sobem e chegam ao estouro registrado em setembro, quando a cotação média na Bolsa de Chicago ficou em 8,90 dólares o bushel. No Rio Grande do Sul, os preços praticados pelas cooperativas, como oferta do dia, saltam para uns Cr\$ 14 mil, contra os Cr\$ 2 mil que vigoravam exatamente um ano antes. Só que tudo isso se dá num momento em que o produtor gaúcho já não tinha mais soja para vender. Poucos foram os que tiraram proveito desta situação.

## MANIPULAÇÃO

É claro que uma redução de área de plantio nos Estados Unidos, acompanhada de seca, é suficiente para dar uma sacudida no mercado. Só que desta vez os preços subiram também em consequência da manipulação de informações, por técnicos do próprio USDA — o Ministério da Agricultura dos americanos. Estes técnicos anunciavam estimativas de colheita com números bem abaixo dos que seriam reais, para favorecer grandes grupos vendedores, ao provocar as altas na Bolsa.

Ao lembrar todos estes fatos, o diretor da Criaec (Central Regional de Informações Agropecuárias e Econômicas da Fidene, de Ijuí), Argemiro Luís Brum, e o técnico Roberto Macagnan, do mesmo órgão, ressaltam que nunca ninguém ficará sabendo tudo o que se passa neste complicado mercado da soja. E nunca ele foi tão complicado como agora, para que se entenda o que acontece no momento, exatamente em função das especulações, dos manipuladores de dados e, enfim, da situação mundial, que já é bastante confusa.



Os valores que constam deste gráfico são os maiores de cada mês, desde janeiro de 82 até março de 84, praticados como preço do dia pela Cotrijui. Fonte: Departamento de Comercialização.

Neste caso, o raciocínio mais lógico, de que a oferta e a procura determinam preços, nem sempre prevalece. Em setembro, quando se confirmou que a seca iria de fato afetar a safra americana, chegou a se dizer que, de qualquer forma, os preços para o produtor brasileiro seriam compensadores em 84. Hoje, já se sabe que esta compensação não será tanta. Aí por outubro, quando a soja dos EUA começa a ser colhida, o mercado se retrai e, aos poucos, vai apresentando quedas.

Com a manipulação dos dados, se anunciava, em setembro, uma safra de pouco mais de 41 milhões de toneladas nos Estados Unidos. No fim, a safra ficou em 43 milhões e 420 mil toneladas, contra as 60 milhões e 680 mil de 82. A quebra foi grande, em relação à colheita anterior, mas nem tanto como se anunciava. O milho teve uma produção de 108 milhões de toneladas, enquanto que em 82 os EUA haviam colhido 213 milhões.

## ESTIMATIVAS

As quedas registradas a partir de outubro se mantiveram, com pequenas oscilações, até o final de março e início de abril, quando houve uma reação. Isso pode ser atribuído a compras realizadas pela Rússia e pela Índia, ao enfraquecimento momentâneo do dólar e ao aumento nas cotações dos metais (ouro e prata), que puxaram os preços das mercadorias. Em fevereiro, os Estados Unidos haviam anunciado a intenção de plantio para este ano, de 26 milhões e 413 mil hectares para soja e 33 milhões e 103 mil para o milho, num aumento inexpressivo em relação a 83.

Esta estimativa ajudou a evitar uma queda maior nas cotações, pois se esperava uma lavoura de 28 milhões de hectares de soja nos EUA, como lembram Argemiro Luís Brum e Macagnan. Mas agora, em abril, os americanos devem anunciar uma estimativa mais atualizada, e ela pode e deve influir no comportamento do mercado. Além disso, agora se define a safra sul-americana, prevista em 22 milhões de toneladas. O Brasil participa desta safra com algo em torno de uns 15 milhões.

## IMPREVISÍVEL

E o que acontecerá depois? Aí fica difícil de se prever, segundo o pessoal da Criaec. Para que os preços melhorem, é preciso que os países europeus se disponham a comprar mais farelo. Os juros dos empréstimos tomados por estes países também precisam cair, além da cotação do dólar, pois uma coisa tem relação com a outra. Se a Índia e a União Soviética realizarem compras de óleo, o mercado também pode reagir. E, para completar, seria bom que os preços dos metais igualmente subissem, beneficiando os preços dos alimentos.

Conjugar tudo isso fica difícil, mas é possível. O bom seria, pelo menos para os brasileiros e outros países exportadores, que os EUA não aumentassem tanto a área de plantio em 84. E, é claro, há quem torça para que mais uma seca frustre a safra dos americanos. Mas ficar esperando que isso aconteça é apostar demais no azar dos outros e continuar encarando a venda da soja como uma loteria em que muitos tentam acertar e poucos conseguem.

## Saída: vender aos poucos



**Cesarin Bonini**, planta em 33 hectares em São Valentim, distrito de Salto, Ijuí: "Nas duas últimas safras venho vendendo a preço futuro e do dia, mas uso mais o futuro. No ano passado fiz quatro ou cinco vendas, para junho e julho, e um pouco pra agosto. Comecei a liquidar quando a soja estava entre 4 a 5 mil, e como já havia dobrado o preço do ano passado a gente achava que não iria subir mais. No preço futuro consegui fazer uma média de uns 6 mil cruzeiros. Este ano já vendi 100 sacos para julho a Cr\$ 28.300,00, ali quando deu uma recuperação, no início de março. Vou liquidando aos poucos, e talvez até entregue alguma parte a preço do dia. Nos dois últimos anos não usei o preço médio".



**Egon Gehrke**, proprietário de 64 hectares em Esquina Gaúcha, Augusto Pestana: "Em 82 eu comecei a liquidar no tarde, e os preços bons tinham sido os do cedo, no futuro e no preço do dia. No ano passado também vendi no preço do dia e no futuro, mas no cedo, para julho e agosto, e deu o contrário, pois houve reação no tarde. Este ano pretendo utilizar de novo estas duas modalidades, mas ainda não liquidei nada (até o dia 5 de abril). Vou esperar mais um pouco e entregar em partes, como sempre faço. O bom seria se desse para adivinhar a hora boa de se vender, mas isso é difícil. A solução é liquidar em parcelas".



**Ênio Sadi Tiecher**, de Alto da União, Ijuí, onde planta em 167 hectares com o pai e irmãos: "O preço médio dá segurança, e nós chegamos a entregar, até uns 4 ou 5 anos atrás, quase 100 por cento do que colhemos nesta modalidade. Mas há a desvantagem de ter que ficar esperando pela liquidação. Em 83 entregamos 30 por cento a preço médio, e este ano vamos usar o preço do dia e futuro liquidando, em partes. Até agora (6 de abril) vendemos uns 25 por cento do que deve ser colhido, pois compramos uma área de terra e temos este compromisso para saldar. O que não se deve é jogar toda a safra num preço só".

# Tentando decifrar códigos

"Nós procuramos transmitir o que temos de informações. Mas o produtor é quem deve decidir". Quem diz isso é Argemiro Luís Brum, o diretor da Criaec, que no ano passado se viu inesperadamente envolvido nas controvérsias surgidas com o pique nas cotações da soja, em setembro. Alguém, e não se sabe quem, andou espalhando que Brum teria dito, antes do estouro nos preços, que o mercado não mais iria reagir. Na verdade, ele não falou nada disso, e as fitas gravadas dos programas de rádio da Criaec, em Ijuí, desmentem os que espalharam os boatos.

Brum começou a correr o risco de ser mal interpretado em agosto de 1981, quando surgiu a Criaec e ele passou a fazer análises econômicas dirigidas especialmente ao produtor. Ninguém no interior do Estado realizava este tipo de trabalho, assumido então pela Fidene. A Criaec possuía na época apenas dois funcionários — Brum e uma secretária — e foi instalada numa salinha apertada. Hoje, a Central dispõe de sala ampla, tem oito funcionários e muito material arquivado.

### DECIFRAR

A Criaec produz boletins mensais com a abordagem de vários assuntos ligados ao setor primário. Distribui por telex análises semanais sobre o mercado de grãos, leite, suínos e outros produtos. Mantém um programa semanal de rádio e, além de participar de palestras, seminários e cursos, é um dos órgãos mais consultados pela imprensa. Brum lembra que assim a Central dá sua contribuição para que sejam decifradas as mensagens em código relacionadas com a soja e quase tudo que se refere à produção.

Simplificando ao máximo estas informações, para que elas sejam compreensíveis para o produtor, a Central ajuda a enterrar a idéia de que a economia e as questões políticas que envolvem o setor primário e suas conseqüências devem ser entendidas apenas por especialistas. E aí é que o órgão corre riscos, ao realizar



Macagnan e Argemiro: apesar dos riscos, é preciso orientar o produtor

análises e fazer previsões nem sempre bem entendidas. "Alguns acham que nós é que vamos dizer quando se deve ou não vender a soja, mas não é esse nosso objetivo", diz Argemiro Luís Brum, que pretende apenas orientar o produtor.

### AGS POUCOS

Agora, por exemplo, ele acha que a comercialização da soja a nível de produtor está muito atrasada. Acontece que dificilmente haverá uma nova alta como a de setembro, e esta espera talvez acabe frustrando muita gente. Brum entende que o agricultor deve tentar vender a soja aos poucos, nos momentos de alta, e não esperar para liquidar tudo de uma só vez. Muitos já fazem isso, e vêm conseguindo bons resultados. É uma forma de se evitar a loteria na hora da comercialização.

Dizendo isto, ele não está afirmando que a hora de vender é agora, mas alertando que o comportamento do mercado deve ser acompanhado de perto, para que o produtor possa se decidir. Um aspecto importante ressaltado pelo diretor da Criaec é o de que a desvalorização do cruzeiro em relação ao dólar cria uma falsa idéia de melhora nas cotações. Como o preço é corrigido também em função da variação cambial cruzeiro-dólar, o valor

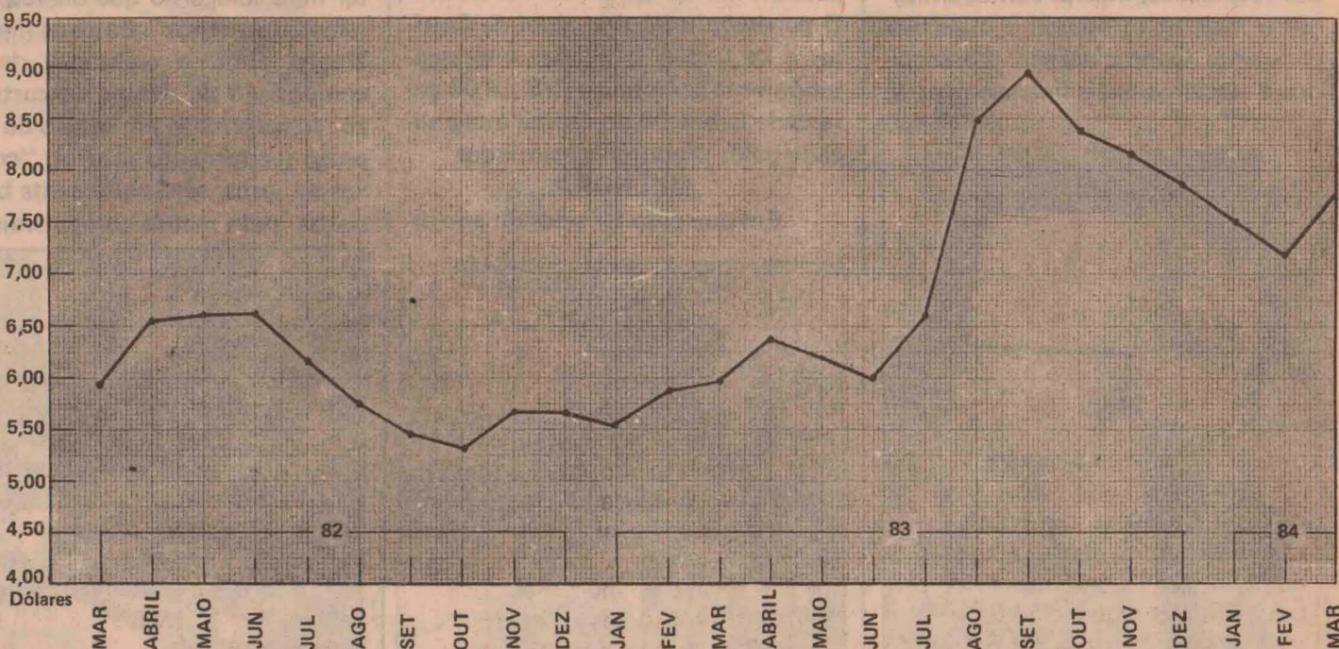
oferecido ao produtor quase sempre tende a crescer, mesmo que as cotações a nível de mercado não ajudem muito. Afinal, nos últimos 12 meses o dólar ficou 220 por cento mais forte.

### UMA PERGUNTA

Mas a Criaec, segundo ele, não gostaria de estar sozinha nesta tarefa de informar. Seria bom que o sistema cooperativista como um todo se equipasse melhor para orientar o produtor, ajudando no entendimento das notícias e decisões que circulam pelo mundo. Brum salienta que o agricultor deve ser alertado, por exemplo, para o fato de que não basta torcer para que aconteçam aumentos nas cotações da soja, quando se sabe que o mercado consumidor está cada vez mais retraído e não suporta altos preços.

É o que se passa hoje na chamada Comunidade Econômica Européia, onde se concentram os países compradores de farelo. Estas nações, que enfrentam os altos juros e o peso do dólar, estão comprando cada vez menos, e talvez nem voltem a adquirir farelo como antes. E se o mercado for enfraquecido até o ponto de comprar o mínimo de que precisa? É uma pergunta que Argemiro Luís Brum faz para que cada um dos órgãos e entidades envolvidos nesta lida saiam atrás de uma resposta

### EVOLUÇÃO DOS PREÇOS NA BOLSA DE CHICAGO



O gráfico mostra a evolução dos preços da soja na Bolsa de Chicago, em dólares por bushel, entre março de 82 e março de 84. As variações correspondem aos preços médios de cada mês. Neste quadro ficam bem evidentes as oscilações ocorridas principalmente a partir de abril de 83.

Fonte: Criaec

## Em busca do equilíbrio financeiro

Pode se dizer, com certa garantia, que os números apresentados pelo Balanço já estavam dentro do esperado e mesmo o resultado negativo de Cr\$ 14,5 bilhões, não chegou a causar maior surpresa entre o quadro social da Cooperativa. E se os números do Balanço não chegaram a ser levantados e questionados mais a fundo, durante a Assembléia, foi pela simples razão de que já haviam sido mais do que esclarecidos e analisados nas rodadas de reuniões acontecidas nos núcleos e que sempre contaram com a participação e as explicações da diretoria da Cooperativa. Uma última analisada nos números foi dada numa reunião preliminar entre a diretoria eleita, conselho fiscal e representantes eleitos pela Regional Pioneira, Dom Pedrito e Mato Grosso do Sul. As discussões do grupo não ficaram restritas apenas aos resultados do Balanço, mas caminharam mais para o lado de soluções para atual situação financeira da Cooperativa.

### CONTAS A PAGAR

Tanto na reunião preliminar, realizada pela manhã na Afucotri, como na Assembléia, os números foram levantados pela diretoria, na intenção de procurar explicar a diferença entre as contas do ativo circulante, (formado pelas disponibilidades financeiras, mais as contas a receber e mais os estoques), e o passivo circulante (contas a pagar a associados e terceiros, mais financiamentos,

mais encargos tributários e financeiros), caracterizando, num linguajar mais simples, o significado de "capital de giro negativo", e suas consequências no resultado do exercício. Mas isto não significa que não existe uma solução para a debilidade financeira da Cooperativa, como lembrou na ocasião o diretor-presidente Ruben Ilgenfritz da Silva. Este otimismo do presidente pode ser reforçado com os sinais de melhora que a saúde financeira da Cooperativa obteve no exercício de 1983, mesmo tendo como contrapeso um resultado negativo. Disse Ruben Ilgenfritz:

— Em 1983 o doente saiu do coma e encontra-se em convalescença. Para que a situação continue melhorando, temos muito trabalho pela frente. A nossa saúde patrimonial é excelente e todo o nosso problema se resume na falta de recursos próprios.

É bem verdade que a Cotrijuí conta com uma situação patrimonial invejável e bastante sólida, para um ativo total de Cr\$ 190 bilhões, e um endividamento total de Cr\$ 74 bilhões. O montante da dívida corresponde a 35 por cento do total do valor do patrimônio. Em 1982, o endividamento total era de Cr\$ 36 bilhões, para um patrimônio avaliado em pouco mais do que Cr\$ 42 bilhões. O patrimônio líquido atual da Cotrijuí é de Cr\$ 116 bilhões, representando uma garantia de Cr\$ 13,00 para cada Cr\$ 1,00 do capital integralizado pelos produtores associados.

### MELHORA

Em que pese ter sido um ano di-

fícil, e agravado ainda mais com uma frustração parcial da soja, o principal produto no faturamento da Cotrijuí, a situação global, patrimonial e econômica sofreu uma sensível melhora. "Em absoluto se pode medir a performance de qualquer empresa apenas pelos resultados de um exercício", reforçou o diretor administrativo e financeiro da Cotrijuí, Oswaldo Meotti, ressaltando ainda que o prejuízo apresentado pelo Balanço de forma alguma pode ser encarado separadamente e nem visto como sendo o único parâmetro de avaliação da realidade da Cooperativa. Um exemplo bem prático de que a situação andou melhorando em muito no ano passado está no próprio giro negativo da Cooperativa, que caiu de Cr\$ 11,5 bilhões em 1982 para Cr\$ 9,1 bilhões em 1983. A redução de um ano para outro foi de aproximadamente 20 por cento. Deve-se ressaltar ainda que no ano passado o crescimento da dívida da Cotrijuí ficou em 102 por cento, contra uma inflação que fechou o ano em 211 por cento.

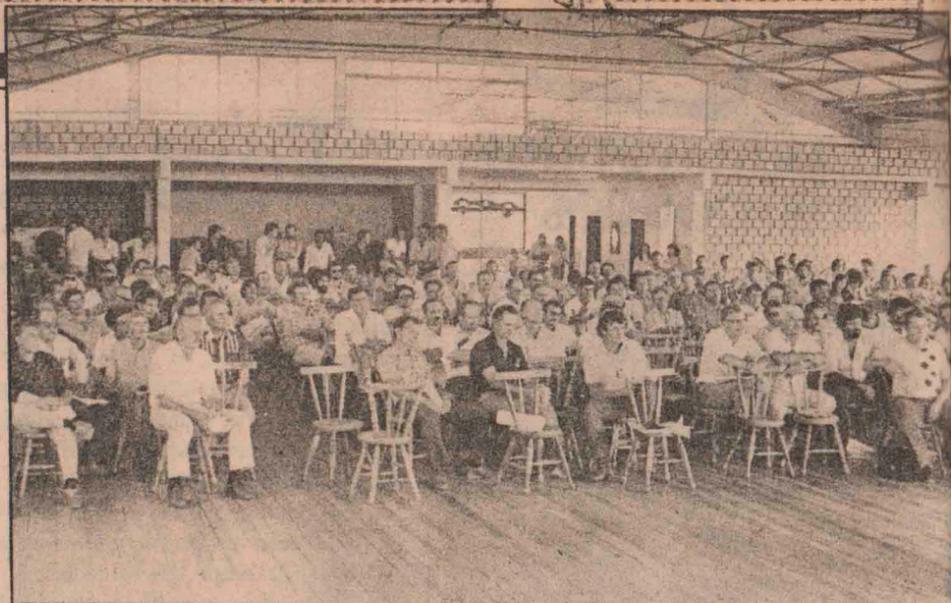
Mas para que a saúde financeira da Cooperativa tivesse alguma melhora no exercício passado, algumas medidas tiveram que ser adotadas, "visando reduzir o endividamento e obter mais fôlego no que diz respeito a recursos internos". Entre as medidas, Meotti citou a realização de uma composição de débito de curto prazo, transformada em débito de longo prazo (vencimento futuro), "com taxas de juros, senão altamente beneficiadas, pelo menos compatíveis com

a realidade do mercado." Desta forma foi composta com o Banco do Brasil uma parcela de EGF (Empréstimos do Governo Federal), que venceria em 1983, e que passou a ter vencimento em maio de 1985.

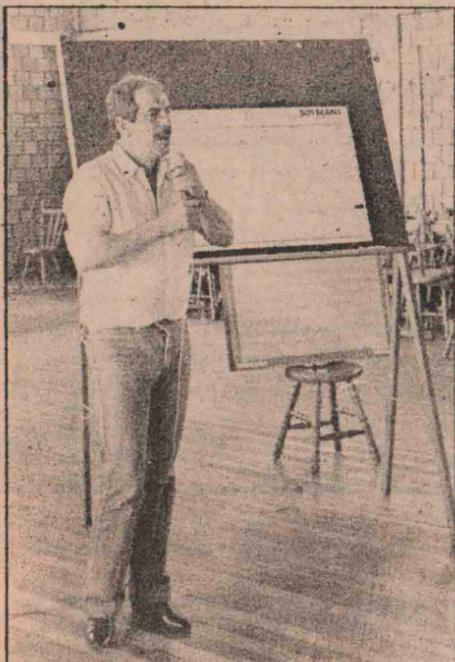
### NEGOCIAÇÃO

No que diz respeito ao montante global da dívida de curto prazo, no valor de Cr\$ 28 bilhões, Meotti garantiu que está em fase de negociação uma linha de recursos da Resolução nº 761 (faixa especial e destinada a saneamento das Cooperativas), conforme certificado de habilitação nº 6, de 10 de maio do ano passado e da qual a Cotrijuí captou apenas um terço. "Embora tenhamos contado com a confiabilidade do nosso quadro associativo, através da subscrição de novas cotas e também com aprovação integral de nosso projeto de saneamento financeiro, por motivos de indisponibilidade de verbas junto aos agentes financeiros conseguimos captar apenas uma parte do valor habilitado".

Certamente que, se a Cotrijuí tivesse recebido o financiamento, no seu valor total, sua posição financeira atual seria bem mais confortável, apresentando um certo equilíbrio na sua liquidez geral. Vale lembrar que esse dinheiro tem um custo fixo de 60 por cento ao ano, com um prazo de seis anos de pagamento e dois de carência. "A Cooperativa continua em tratativas junto as autoridades financeiras no sentido de conseguir captar o restante do dinheiro, que corrigido pela ORTN, monta um valor superior a Cr\$ 12 bilhões", lem-



A Assembléia correu calma, sem muita discussão



Ruben Ilgenfritz: otimismo



Oswaldo Meotti: muitas explicações



Os representantes se reuniram para discutir a situação financeira da Cooperativa

brou na ocasião Oswaldo Meotti.

Outro fator que pode ajudar na recuperação financeira da Cooperativa é a venda de alguns bens do ativo fixo (imóveis), o que evidentemente proporcionaria um ingresso de recursos com um custo zero. Uma destas vendas seria a do Terminal de Rio Grande à Portobrás. "Nosso programa de desmobilização tem seu ponto fundamental na venda do Terminal, hoje disponível e sem representar nenhum prejuízo aos serviços prestados pela Cooperativa ao seu quadro social" explicou.

#### ROTAÇÃO

Uma maior rotação nos estoques, tanto de cereais industrializados e de setor de consumo, no ano passado, foi outra medida adotada pelo conselho administrativo na intenção de reduzir custos. Em safras anteriores o associado recebia o cheque de sua safra na liquidação do produto. Os recursos para este fim eram tomados no mercado a altos custos.

A partir de 1983, estes pagamentos passaram a ocorrer entre três a sete dias, após a liquidação pelo produtor (valor devidamente corrigido), dando tempo para a Cooperativa obter os recursos para tal fim, com a venda do próprio produto.

Tanto o presidente da Cotrijuí, como o diretor administrativo e financeiro, deixaram bem claro que a participação do quadro associativo foi decisiva para a melhora da situação financeira da Cooperativa. A capitalização, via recursos próprios dos associados, correspondeu a Cr\$ 1,8 bilhões durante 1983. Para este ano a diretoria administrativa calcula, contando que a safra se desenvolva com bons índices de produtividade e com condições de mercado, um ingresso de recursos próprios entre Cr\$ 5 a Cr\$ 6 bilhões, "o que por si só, já significa uma sensível melhora na situação financeira da Cooperativa". A Cotrijuí espera receber entre 500 a 600 mil toneladas de soja, fora os demais produtos, que embora não apresentem o mesmo peso financeiro, também contam pontos no cômputo geral do faturamento, como o arroz, o milho, o feijão, a lã, o leite, a carne. "Esperamos fechar o exercício de 1984 com um giro negativo 50 por cento menor do que o de 1983, ou seja, pouco mais de Cr\$ 4 bilhões".

#### O PESO DOS CUSTOS

As despesas financeiras, que são o pagamento de juros sobre os financiamentos tomados pela Cooperativa, a exemplo do que já havia ocorrido no exercício de 1983, aparecem no Balanço como o item de maior peso. Esta situação vem ocorrendo porque a Cooperativa, com insuficiência de recursos próprios à cobertura sequer do ativo imobilizado, se vê na obrigação de buscar dinheiro no mercado, para suprir o capital

de giro necessário. Estes recursos tiveram, no exercício anterior, um custo variável entre 24 a 306 por cento ao ano. Com isto, diz o Meotti, somente os custos financeiros (juros), atingiram a cifra de Cr\$ 30 bilhões, representando 17,84 por cento da receita global de Cr\$ 170 bilhões. "Embora o alto custo financeiro, a Cooperativa reduziu, em percentual, o pagamento de juros no exercício passado, se comparado com o que foi pago em 1982, em torno de 20 por cento da receita global. Mesmo assim, é sabido que o suportável pelo ramo agropecuário, nas condições atuais de mercado, é de no máximo oito a 10 por cento."

Dentro deste quadro, a expectativa, tanto por parte da diretoria administrativa da Cooperativa, como do próprio quadro social, é de que a situação continue se firmando cada vez mais, "com tendências de recuperação total". Evidentemente que, para que isto aconteça, a Cooperativa precisa captar o restante do dinheiro da Resolução nº 761, ou então concretizar de vez algumas das desmobilizações programadas para ainda este ano.

## Falta organização

A Assembléia começou por volta das 15 horas do dia 30 de março, no CTG Laureano Medeiros, com a presença de um bom número de associados. Integrou a mesa dos trabalhos, além dos conselheiros, diretores executivos e contratados, o convidado Ciro Dias da Costa, presidente da Ocergs (Organização das Cooperativas do Estado do Rio Grande do Sul). Por indicação da Assembléia, os trabalhos foram dirigidos pelo associado e também representante eleito por Ijuí, Santo Antônio Desordi.

Tão logo aconteceu a discussão e aprovação do Relatório da Administração, do Balanço, a Assembléia autorizou ao Conselho de Administração adquirir ou alienar imóveis, bem como contratar financiamentos, que são questões que aparecem na rotina de trabalho da Cooperativa, mas que a lei determina autorização expressa da Assembléia. Caso contrário, toda a vez que a Cooperativa precisasse contratar algum financiamento, ou então se desfazer de algum imóvel, teria de convocar uma Assembléia para receber autorização e realizar os negócios.

Um outro assunto tratado na Assem-

bléia foi a renovação do Conselho Fiscal. Eleito por aclamação, o novo Conselho Fiscal ficou formado por Leonides Dallabrida, Aquilino Bavaresco e Abu Souto Bicca, como efetivos, e Paulino Ângelo Rosa, Delarmando Portolan e Luiz Neri Beschorner, como suplentes.

#### ORGANIZAÇÃO

"Sorte ou azar, a gente faz", disse Ruben Igenfritz da Silva, ao falar rapidamente sobre as oscilações do preço da soja no mercado ao longo da história (ver matéria nas páginas 8 e 9) e na falta de organização, por parte do próprio quadro associativo, para comercializar sua produção. "Temos que nos organizar melhor e estabelecer critérios de comercialização. Existem alguns momentos no mercado, que não podemos perder, mas para tomarmos qualquer decisão temos que trabalhar organizados", falou ainda, citando como exemplo de organização o Conselho de Produtores de Arroz de Dom Pedrito, que por si só e dispendo de muitas informações, é capaz de decidir o momento exato de comercializar sua produção.

## Os eleitos para o Conselho



Leonides Dallabrida, de Barro Preto, Ajuricaba. Integra o conselho pela quarta vez. Foi eleito para as gestões 78/79, 79/80 e 83/84. Era suplente e passa a efetivo. É associado desde 1975.



Aquilino Bavaresco, de Nossa Senhora da Saúde, Tenente Portela. Na gestão 81/82 foi efetivo, e no passado havia sido eleito como suplente. Agora, volta a ser efetivo. Associado desde 1973.



Abu Souto Bicca, representante de Dom Pedrito. Foi suplente na gestão 78/79. Desta vez volta como efetivo.



Paulino Ângelo Rosa, de Linha São José, Chiapetta. Integrava o conselho, eleito no ano passado, como efetivo. Passa agora à condição de suplente. É associado da Cotrijuí desde 1977.



Delarmando Portolan, de São Pedro, Tenente Portela. Foi eleito pela primeira vez para o conselho fiscal, como suplente. Era representante da localidade. Associou-se a Cotrijuí em 1966.



Luiz Neri Beschorner, de 21 de Abril, Jóia. Também foi eleito pela primeira vez para o conselho fiscal, como suplente. É líder de núcleo. Associado da Cotrijuí desde 1970.

# A caminho da recuperação

*De acordo com determinações estatutárias, retornamos à presença desta Assembléia para prestarmos os esclarecimentos necessários e relatarmos ao nosso quadro associativo o resultado das atividades sócio-econômicas de nossa cooperativa, desenvolvidas no exercício findo em 31 de dezembro de 1983.*

No setor de grãos, embora tenha ocorrido uma acentuada quebra na safra do produto de maior expressão, a soja, registramos um recebimento total de 753.430 toneladas. Os produtos pecuários, exceção de ovinos e lã, apresentaram crescimento em relação ao ano anterior, se destacando o crescimento do abate em nosso frigorífico em Dom Pedrito. A produção industrial própria apresentou um declínio em relação a 1982, face as melhores condições de mercado para os produtos "in natura", cobrindo parte de sua ociosidade com prestação de serviços a terceiros.

No cômputo geral, examinados individualmente todos os setores de atividades de cada regional, constatamos um resultado operacional bruto de mais de cinco bilhões e setecentos milhões de cruzeiros.

No entanto, premidos pela falta de recursos próprios para gerir suas atividades, a Cooperativa voltou a captar no mercado o dinheiro necessário para suprir seu capital de giro.

Os altos custos financeiros de há muito praticados por esse mercado inviabilizam e são totalmente incompatíveis com a atividade agropastoril. De uma receita total de cento e setenta bilhões de cruzeiros, trinta bilhões foram gastos com pagamentos de juros, correspondendo a 17,84 por cento do faturamento.

Com isso, compensados dez bilhões de cruzeiros de recuperações financeiras, o resultado final negativo atingiu a cifra de Cr\$ . . . . . 14.555.788.655,94 (quatorze bilhões, quinhentos e cinquenta e cinco milhões, se-

tecentos e oitenta e oito mil, seiscentos e cinquenta e cinco cruzeiros e noventa e quatro centavos), que, de acordo com o que faculta a portaria de número 336/83 do Incra, foi transferida para o fundo de Reserva de Equalização.

Embora tenha apresentado prejuízo, este não é o único fator a espelhar a realidade atual de nossa Cooperativa. Por mais paradoxal que seja, nossa situação patrimonial e de liquidez geral apresentaram sensíveis melhoras em relação ao ano anterior.

Nossa liquidez geral, apresentada pela diferença entre as contas de ativo circulante (disponibilidades financeiras mais contas a receber mais estoques) e o passivo circulante (contas a pagar a associados e terceiros mais financiamentos mais encargos tributários e financeiros), apresenta, em relação ao exercício anterior, uma posição em bilhões de cruzeiros, conforme quadro abaixo.

A redução de nosso endividamento de curto prazo é de fundamental importância para a cooperativa. O refinanciamento de nosso capital de giro negativo é o principal fator a elevar nossos custos financeiros.

Seu equacionamento pode se processar, pelo menos, sob quatro formas:

1. Pela transformação da dívida de "curto" para "longo" prazo, mediante composição com credores, e a juros compatíveis com a atividade agro-pastoril;

2. Pela obtenção de novos créditos a longo prazo a juros subsidiados, aplicando-se os recursos na amortização e ou na liqui-

dação de dívidas de curto prazo;

3. Pela venda de bens do ativo fixo;

4. Maior capitalização própria.

A redução verificada em nosso giro negativo em relação a 1982 está inserida no contexto acima, de acordo com o plano de trabalho elaborado pelo Conselho de Administração, para o exercício 1983, constante do relatório da Assembléia do exercício anterior.

Assim, durante o período, foram compostas dívidas junto ao Banco do Brasil que, de vencimento imediato, passaram a ter vencimento até o exercício de 1985.

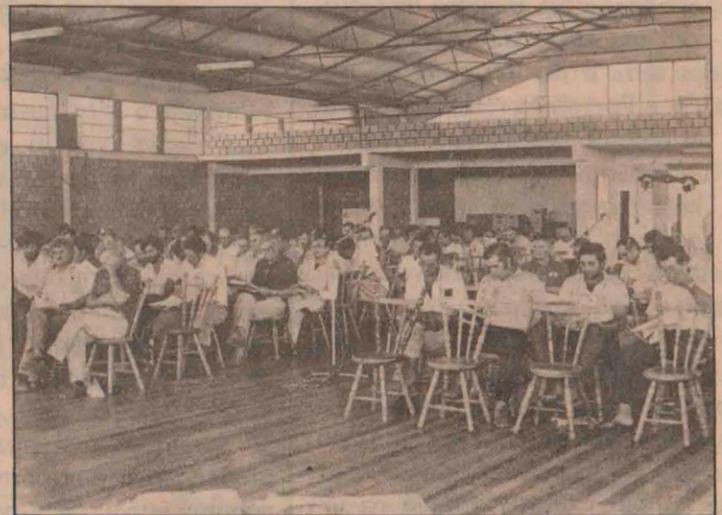
Como novos créditos de longo prazo, a única faixa existente e disponível seria a resolução de número 761 — do Banco Central do Brasil —, destinada a financiamentos de antecipação de cotas capital. A Cooperativa se habilitou ao programa ainda no início do exercício de 1983, tendo recebido seu Certificado de Habilitação de valor que permitiria seu total saneamento financeiro.

No entanto, face a limitação dos recursos globais gerados para o programa, conseguimos captar somente um terço do valor aprovado, restando-nos, até o presente, um saldo credor de, aproximadamente doze bilhões de cruzeiros.

De outra parte, embora as negociações se mantenham permanentemente ativas, até o momento ainda não se concretizou nosso programa de desmobilizações, havendo a expectativa de que a transferência de nosso Terminal para a Portobrás venha a ocorrer dentro dos próximos meses.

Sobre a capitalização própria, esta será, certamente, um dos principais temas a serem discutidos com nossos associados no decorrer do novo exercício social.

A necessidade de construção de infra-estrutura própria para atender as necessidades do corpo social, principalmente no período



Os associados ouviram atentamente o Relatório da Administração

1970/80, levou a Cooperativa a realizar grandes investimentos em toda a sua área de atuação.

A capitalização própria atual, já corrigida, atinge apenas a dez por cento de nosso capital imobilizado, restando, ainda, a necessidade de recursos para giro.

A atividade sócio-econômica de nossa organização cooperativa tem buscado percorrer os caminhos que objetivam a efetiva participação do quadro social e funcional no estabelecimento da política global da Cotrijuf.

Os reflexos deste comportamento se fazem sentir de forma especial na diversificação das atividades do quadro associativo amparado numa orientação técnica comprometida com os superiores interesses dos associados. Isso permite vislumbrar uma importante decisão política em abandonar o comportamento de uma agricultura de "monocultura" para uma agricultura "diversificada". E mais adequada com as economias que formam o setor produtivo, causa e consequência das dificuldades financeiras que temos enfrentado a partir do exercício social de 1979. E que, felizmente, neste exercício mostram sinais claros de recuperação.

Para o presente exercício, duas grandes decisões deverão ocorrer a partir da decisão do quadro social:

— O plebiscito referente a "Estrutura do Poder", já em prática há três anos, quando os associados se ma-

nifestarão pela aprovação ou não desta prática, que consagrou dois princípios básicos, o da participação organizada dos associados através de seus representantes eleitos dentro de princípios totalmente democráticos e a eleição do Conselho de Administração através do voto direto universal.

— A segunda grande decisão tem a ver com a proposição apresentada pelo Conselho de Administração da última Assembléia Geral Ordinária em que foi proposto para discussão pelo quadro social o "desmembramento" da Cotrijuf em três cooperativas singulares, representadas pela Região Pioneira, Dom Pedrito e Mato Grosso do Sul e agrupadas através de uma Cooperativa Central.

Cabe ainda destacar que neste exercício de 1984 estará o atual Conselho de Administração encerrando seu mandato, vivendo, portanto, o quadro social mais esta responsabilidade, que certamente oportunizará a renovação dos quadros diretivos, tendo como antecedentes as duas decisões anteriormente relatadas.

Aos associados nossa convicção que a solução de nossos problemas serão frutos de nossa efetiva participação tanto a nível da decisão como da fidelidade pela decisão adotada. Assim, agradecemos pela confiança com que fomos distinguidos pelo quadro social e aos nossos funcionários o reconhecimento pela dedicação e empenho.

Conselho de Administração

## LIQUIDEZ GERAL 82/83

	31/12/82	31/12/83
contas a realizar — curto prazo . . .	23.850	45.627
contas a pagar — curto prazo. . . . .	35.400	54.816
giro negativo . . . . .	11.550	9.189

# Novas regras para os bancos

Muita gente chegou a se mostrar surpresa, mas para a grande maioria não há motivo para espanto, diante das novas decisões do Conselho Monetário Nacional. Mais uma vez o CMN alterou normas relacionadas com o crédito rural, mas as mudanças não foram ainda bem esmiuçadas. Elas implicarão nas seguintes medidas: 1) os bancos comerciais terão novos critérios para aplicação de recursos na agropecuária; 2) o Proagro deixa de ser obrigatório; e 3) os riscos das aplicações de EGF (Empréstimos do Governo Federal) passam a ser dos bancos.

As decisões foram tomadas em reunião do Conselho no dia 4 de abril. Os que se mostraram surpresos tentam explicar que nada havia sido especulado em torno destas mudanças. Os outros, que já estavam meio que aguardando alterações como estas, são os que têm acompanhado mais de perto as mexidas no crédito rural. Para estes, a tendência de mudanças constantes nesta área vem se mantendo nos últimos anos, como parte de uma política geral de ajustamento do crédito à situação do país.

## APLICAÇÕES

Este ajustamento deverá, mais uma vez, ter conseqüências bastante grandes para a agricultura. A principal medida, que se refere à aplicação dos bancos, vem sendo interpretada pelos entendidos como uma forma de reduzir a destinação de recursos ao setor. Acontece que até agora — conforme uma resolução de número 754, em vigor desde dezembro de 82 — os bancos particulares vinham destinando 10 por cento de suas aplicações totais à agricultura. E os bancos de investimento destinavam 5 por cento.

O Conselho Monetário alterou fundamentalmente o critério para fixação do volume de recursos. Os bancos privados passarão a aplicar no setor percentuais diferenciados, de acordo com o porte de cada um, e os bancos de investimentos ficam livres destas aplicações. Só que estes percentuais serão calculados sobre o volume de depósitos à vista, e não mais sobre as aplicações totais. As primeiras análises indicam que, neste caso, a quantidade de dinheiro destinada aos agricultores, pela rede privada, vai cair bastante.

Os economistas e outros especialistas no assunto mostram que os depósitos à vista vêm sendo reduzidos ano a ano. Em 1979, estes depósitos representavam 26 por cento dos haveres dos bancos, e em 83 eles somavam apenas 9,3 por cento. Os que se mostram esperançosos com a medida dizem que, apesar dos pequenos bancos reduzirem suas aplicações, os grandes e médios terão que aplicar mais ainda na agricultura. Só com o tempo é que se saberá quem está certo.

## PROAGRO

A outra medida termina com a obrigatoriedade do Proagro. A partir deste ano o seguro passa a ser optativo, ou seja, somente terá cobertura do programa o agricultor que se dispuser a pagar o desconto para, se for preciso, ser depois indenizado quando das frustrações de safra. Não se sabe ainda se outras mudanças acontecerão no Proagro, pois a alteração depende de circular que deve ser encaminhada aos bancos, disciplinando sua aplicação.

O Proagro funciona como qualquer outro seguro, mas também vem ficando cada vez mais caro para o agricultor, que escolhe a faixa de cobertura, com percentuais variados. O que se pergunta é se alguém correrá o risco de tomar financiamento de custeio para o trigo, por exemplo, sem contar com uma garantia mínima de que receberá pelo menos parte do que aplicou,

quando ocorrer uma frustração. A escolha vai ficar a cargo de cada um, e este é um assunto que deverá dar o que pensar.

A terceira decisão do CMN trata dos EGF, que também deverão ter liberação dificultada a partir deste ano. Os empréstimos que não retornassem aos bancos, na hora da amortização, não chegavam a preocupar os agentes financeiros particulares até

agora. Isto porque o Banco Central cobria o prejuízo e depois era ressarcido pelo Tesouro Nacional. Com a nova resolução, os bancos que liberarem EGF e não conseguirem a quitação de volta passarão a enfrentar sozinhos o prejuízo.

O que se prevê é que os bancos serão ainda mais exigentes no momento de liberar os empréstimos, e com isso haverá mais burocracia e as

verbas serão escassas. O ministro da Agricultura, Nestor Jost, está convencido de que nem tudo será tão difícil assim, e aposta na manutenção dos mesmos níveis de aplicação em crédito rural, após as decisões do Conselho. Somente depois que as novidades forem testadas na prática — e não se sabe exatamente quando — é que, afinal, se conhecerá o reflexo de cada uma das decisões.

## Aumente sua produtividade.



## Aplique TILT.

Este é o momento certo para você garantir o aumento da produtividade de sua lavoura de trigo.

O uso do novo fungicida Tilt oferece esta certeza, porque ele elimina as maiores responsáveis pela baixa produtividade da cultura: as doenças fúngicas.

Para ir tão longe em termos de controle, Tilt se apóia em seu amplo espectro, qualidade que é conseqüência de suas características e modo de ação.

Tilt é um produto sistêmico que age e protege o trigo no interior da planta; e não superficialmente como os fungicidas comuns.

Ele previne o desenvolvimento das doenças, mas se elas já estiverem presentes nas plantas, Tilt passa a funcionar como um produto curativo.

Não existe nada igual na Triticultura.

Tilt — o fungicida completo para o trigo.

Vá buscá-lo na revenda ou cooperativa mais próximas.

**Tilt**

TILT NO TRIGO É LUCRO NO BOLSO

CIBA-GEIGY  
DIV. AGROQUÍMICA

® Marca Registrada

# A piscicultura no processo de diversificação

Muita orientação técnica, foi o que ouviram os produtores que foram até o Centro de Treinamento, para participar de mais um curso de piscicultura. Numa primeira fase, participaram produtores de Jôia, Augusto Pestana, Ijuí e Santo Augusto. Tão logo seja concluída a colheita de soja, o mesmo curso será oferecido aos produtores de Coronel Bicaco, Chiapetta, Tenente Portela e Ajuricaba.

O Hélio Roque Weber, técnico da Cotrijuí, responsável pela área de peixes da Unidade de Ijuí, antes de fazer qualquer recomendação técnica aos produtores, disse que a princípio a piscicultura deve estar voltada para o consumo da família. "Apenas o excedente deve ser comercializado". Ressaltou ainda que a piscicultura é uma atividade que deve ocupar uma área da propriedade que não seja apropriada para outras culturas. "Queremos colocar o peixe em algum banho", disse. Colocou a piscicultura como uma alternativa que deve ficar ao lado

da suinocultura, da avicultura, da apicultura, da pecuária de leite, entre outras tantas atividades que devem formar um todo dentro da propriedade. "Não queremos que a piscicultura apareça de forma isolada".

A conversa do Weber com os produtores esteve mais dirigida para aspectos técnicos, como implantação e construção de taipas de açudes. De saída aconselhou a instalação em local apropriado, sem exigir tantos investimentos. De preferência ficar instalado perto de alguma vertente,



Hélio Weber: construção de açude

"pois tem a melhor água e ainda ajuda na oxigenação da água do açude". Não recomendou o uso de água de reservatórios, devido ao problema de oxigenação, de rios ou riachos, muito poluídos e cheios de predadores. "Além do perigo da contaminação, as águas dos riachos ou rios, estão infestado de lambaris, que se alimentam praticamente dos ovos dos peixes". Os lambaris se reproduzem muito rapidamente, entrando em competição, na alimentação, com os peixes do açude.

## MUITA LIMPEZA

Escolhido o local de implantação do açude, é hora de começar a erguer a taipa, tomando o cuidado de fazer uma limpeza caprichada, retirando todos os galhos, arbustos, raízes e pedras. A taipa de-

verá medir entre 30 a 50 centímetros de altura a nível da água e construída sempre em solo vivo, "nunca sobre grama, capim ou laje". Para evitar a erosão e mesmo o desgaste pela ação da água e dos próprios peixes, o Weber aconselha o plantio de grama, "principalmente da bermuda, que se desenvolve perfeitamente dentro da água".

As comportas ou "monges" como também são chamadas, essencial em qualquer açude, servem para manter o nível da água, dar vazão ao excesso e ainda permitir o esvaziamento total do açude por ocasião da coleta dos peixes. O sistema de comportas mais usado na região e comprovadamente o mais eficiente, é justamente aquele que permite a retirada da água do fundo e também da superfície do açude. A profundidade do açude também andou muito em discussão. Alguns produtores achavam que ele precisa ser profundo, mas o Weber alertou para o fato da incidência dos raios solares. "Se o açude for muito profundo, a luz do sol não penetra em toda a água, e o plancton não tem condições de se desenvolver. Em razão disso, a água depositada no fundo do açude é pobre e não serve para a criação de peixes. A profundidade ideal fica em torno de dois a dois metros e meio.

De resto, para que a atividade apresente algum resultado econômico, basta uma boa correção no solo, muita adubação para que a água adquira a cor esverdeada e propicie a criação de plancton, "o alimento natural dos peixes".

## A orientação técnica

"Se a água está verde, é sinal que o prato do peixe está cheio", disse o Nilo Ruben Leal da Silva, engenheiro florestal, atualmente prestando assistência ao setor de piscicultura da Cotrijuí, ao falar sobre alimentação, adubação, correção, densidade, tamanho e manejo de um açude aos produtores que estiveram presentes no curso de piscicultura realizado no Centro de Treinamento.

Falando sobre alimentação, o Nilo garantiu que grande quantidade de alimento para os peixes, se encontra na própria água do açude, quando é feita a adubação e correção. O alimento é o plancton, que só existe quando a água está esverdeada. Mas além do alimento natural da água, é possível aumentar o crescimento dos peixes com alimento a partir de produtos da lavoura. "O aproveitamento de resíduos agrícolas, como a soja (que deve ser oferecida numa proporção de 45 por cento), milho, sorgo, trigoilho, mandioca, abóbora, cevada, entre outros, que são excelentes para aumentar o rendimento dos peixes". Todo o alimento deve ser colocado num cocho quadrado, dentro d'água, observando sempre o mesmo horário. Não recomenda excesso de alimento, capaz de durar por vários dias. "O alimento deve ser colocado todos os dias, numa quantidade suficiente para permanecer no máximo 45 minutos no cocho".

O tamanho e a quantidade de açudes na propriedade, também são assuntos, que a primeira vista, parecem sem importância, mas que na realidade, determinam o sucesso da atividade. De acordo com a extensão do açude, o produtor terá condições de fazer uma adubação correta. "Uma coisa que nada tem a ver, disse o Nilo, é a profundidade do açude. O que temos que saber certo é a extensão, pois todos os insumos colocados deverão estar de acordo com os metros quadrados de água. De nada adianta o produtor usar

uma quantidade de adubo equivalente a um hectare, se o açude tem um tamanho que corresponde a dois hectares".

Uma propriedade envolvida na atividade, deve ter no mínimo, segundo a recomendação técnica, três açudes, sendo um deles, de mais ou menos 400 metros quadrados, reservado para armazenagem das matrizes (não colocar mais do que 100). Um segundo, de extensão bem maior, medindo uma área de dois a três mil metros quadrados, utilizando para o crescimento e engorda dos peixes. Um terceiro, também pequeno, servirá para reservar os alevinos por ocasião dos esvaziamento do açude grande e retirada dos peixes.

## CORREÇÃO E ADUBAÇÃO

Tanto a correção da água como a adubação ganham importância na medida em que criam possibilidades para que o plancton se desenvolva e forneça alimentos para os peixes. A correção pode ser feita por ocasião do esvaziamento do açude, utilizando para tanto, cerca de quatro toneladas de calcário por hectare. Uma gradagem ajudaria a incorporar o calcário no solo e apressaria a correção. Espalhado e incorporado o calcário, esperar 15 dias para encher o açude e mais 15 para soltar os alevinos.

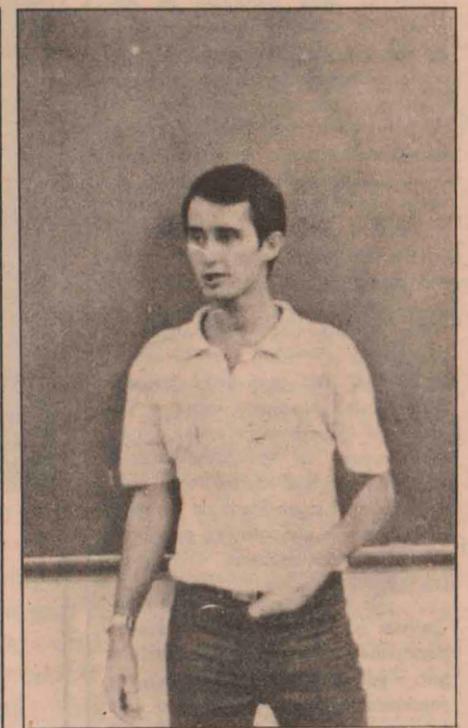
A correção também pode ser feita diretamente na água do açude, mas precisa muito cuidado para não matar os peixes, principalmente se for feita no verão. Uma maneira prática e sem muito risco é colocar o calcário em diversos sacos e distribuir por vários pontos do açude, deixando sempre a metade do saco para fora d'água. "O calcário vai diluindo aos poucos, sem perigo para os peixes, mantendo a água com um pH em torno de 7 a 8, que é o recomendado para a criação de peixes. É a maneira mais segura.

A adubação serve para aumentar a

produção de peixes, na medida que contribui para o aumento de plancton na água. O produtor pode muito bem usar adubação química, "o que não recomendamos pelo alto custo" e adubação orgânica. Segundo o Nilo, a adubação química mais recomendada é aquela que contém fósforo, como o superfosfato simples ou o superfosfato triplo. A quantidade recomendada por semana, se a água estiver pobre de plancton, é de 30 a 40 quilos por hectare, do superfosfato simples e 10 a 15 quilos por hectare do superfosfato triplo. A aplicação segue o mesmo esquema do calcário. Tanto pode ser no leito do açude, como na água, utilizando neste caso, um balde furado ou um saco.

Mas em vez do adubo químico, o produtor pode utilizar o esterco, principalmente os de porco e galinha, que sai muito mais em conta e ainda tem a vantagem de ser produzido na própria propriedade. Se a adubação for feita no leito do açude, colocar em torno de dois mil quilos de esterco curtido, de preferência, por hectare, incorporando junto com o calcário. Se a adubação é feita diretamente na água, a recomendação manda colocar esterco diariamente, principalmente se ele for fresco, que assim, também serve de alimento para os peixes. No caso de esterco curtido, colocar amontoado perto da saída da água, pequenas quantidades de até 100 quilos por hectare/dia.

Se a adubação for natural, com o esterco caindo diretamente dos chiqueiros até o açude, é preciso manter em observação a coloração da água e o movimento dos peixes pela manhã. "Se a água estiver muito verde, com os peixes de "boca fora d'água", é preciso suspender imediatamente a entrada de esterco e aumentar a entrada e a saída de água do açude. "O peixe também morre afogado", ressalta o



Nilo da Silva: criação consorciada

Nilo, principalmente quando existe excesso de adubação, o que causa falta de oxigênio na água". Numa água bem adubada, de coloração esverdeada, o peixe tem condições de retirar até 100 por cento da sua alimentação.

## QUANTO PRODUZ O PORCO

Apenas um porco, de mais ou menos 30 quilos, produz de dois a três quilos de esterco por dia. Para um açude de um hectare, 33 porcos na propriedade são suficientes para suprir a necessidade de esterco para o açude. Em torno de 25 por cento do esterco é ração de milho, que serve de alimento direto para o peixe. "Por isso, quem quiser criar peixes, nem deve começar se não tiver criação de porcos e galinhas na propriedade", alerta o Nilo.

## Saborosa, de fácil digestão e nutritiva

"Entre as carnes que usamos na nossa alimentação, o peixe é a de mais fácil digestão", contou a Noemi Huth, coordenadora do Departamento de Comunicação e Educação da Cotrijuí, tão logo começou a falar sobre as formas de aproveitamento do peixe na alimentação. Além de ser uma carne saborosa e de fácil digestão, é uma fonte de proteínas de alto valor nutritivo (18 por cento), de minerais, vitaminas e gorduras. Apenas uma porção de 100 gramas de peixe meio-gordo, é suficiente para fornecer a cota diária de proteína animal.

A Noemi falou ainda que os minerais (cálcio, ferro, iodo, fósforo, magnésio, entre outros) são encontrados no peixe na mesma proporção à de outros tipos de carne, "com exceção do iodo, que ocorre em maior quantidade nos peixes de água salgada". "Apenas uma porção de 100 gramas de carne cozida, explicou, suprirá cerca de 10 por cento da vitamina B<sub>1</sub>, 15 por cento de vitamina B<sub>2</sub> e 50 por cento de niacina da cota diária de um adulto". O teor de vitamina "A" e "D" vai depender da quantidade de gordura depositada na carne do peixe.

### CUIDADOS NO MANEJO

Mais adiante a Noemi procurou orientar o pessoal quanto a seleção e cuidados no manejo do pescado, dizendo que uma das maneiras mais práticas de determinar se o peixe ainda está fresco, é se guiar pelo cheiro, bastante característico que solta. "Peixe alterado, querendo estragar, apresenta um cheiro desagradável". É possível e também prático, se guiar pelos olhos, guelras, escamas e consistência da carne.

Congelamento de peixes foi um assunto que despertou o interesse geral, principalmente das mulheres, que são realmente quem se dedicam mais a assuntos ligados a cozinha. Mas isto não significa que elas não tenham demonstrado interesse pelos demais assuntos tratados no curso, pois é sabido, que atualmente a propriedade não é apenas



Noemi Huth: manejo e seleção

dirigida pelo marido. A mulher também anda atuando ao lado do marido e pegando em todas as pontas.

No sentido de esclarecer melhor o pessoal a respeito de técnicas de congelamento, a Noemi aconselhou uma boa lavada no peixe, "com água e muito gelo". Depois embalar e levar ao congelador. "Assim que estiver congelado, retirar o peixe do congelador e mergulhar em água gelada uma duas ou três vezes, até que se forme uma camada de gelo ao redor". Desta forma, evita-se a passagem do cheiro do peixe aos demais alimentos que estiverem no congelador, e ao mesmo tempo, impede-se a desidratação do mesmo".

Mesmo congelado, os peixes devem ser mantidos com as escamas e as guelras, para futuro reconhecimento das condições da carne. "Os peixes só devem ser descamados, segundo a Noemi, quando forem descongelados para uso imediato". Disse ainda que o descongelamento do peixe jamais deve ser feito com água quente.

## Peixe no anzol

Correção e fertilização da área do açude, fluxo da água, densidade, reprodução, manejo de peixes, técnicas de proteção, foram assuntos que o seu Afonso Schneider, mesmo nos seus 40 anos de lida com peixes ainda não tinha ouvido falar. "Foi justamente para aprender alguma coisa de fundamento, que me inscrevi no curso e passei aqui o dia todo ouvindo as recomendações dos técnicos", diz ele.

Pois foi justamente durante o curso, ouvindo as explicações do pessoal da Cooperativa, que o seu Afonso ficou sabendo que o açude que tem na sua propriedade, localizada em Coronel Barros (Ijuí), e de pouco mais de meio hectare, está muito mal localizado, "recebendo muita água das lavouras da redondeza". É um açude velho, de mais de 40 anos, que vem conservando sempre com alguma carpa, traíra e uns jundiás. Diz o seu Afonso:

— Bem que gostaria de construir um novo, seguindo as recomendações técnicas, mas infelizmente não tenho local apropriado. Também pelo que ouvi falar, uma criação intensiva de peixes, exige muita dedicação, e não tenho mais idade para isso e nem gente na propriedade que me ajude nestas lides.

Orgulhoso, o seu Afonso conta que conhece carpa desde os idos de 1936, "quando ela ainda tinha as escamas grande". Não gosta de manter o açude muito cheio, "apenas para o consumo da casa", por-

que não costuma alimentar os peixes. "Se alimento os peixes, não peço no anzol e peixe para ser gostoso tem que ser pescado de anzol. Já cheguei a tirar carpas de até três quilos do meu açude, e isso que não coloco nenhum alimento", diz.

Como a criação é destinada apenas para o consumo da propriedade, seu Afonso não fica uma semana sem comer carne e peixe. Mas diz que gosta mesmo é de peixe frito, pela manhã, em substituição ao café. Ele dá a receita do peixe:

— Frito o peixe e guardo dentro de um vidro, com cebola cortada, pimenta e vinagre puro de uva. Fecho o vidro, bem como se faz conserva e guardo na geladeira. Por um semana, tenho peixe frito. Em lugar do café ou até mesmo junto, como peixe pela manhã. Vale por uma refeição.



Afonso Schneider: peixe pela manhã

## Criar o hábito

A parte prática da palestra da Noemi Huth aconteceu, como não poderia deixar de ser, na cozinha do refeitório do Centro de Treinamento, quando o pessoal, inclusive os homens, puderam acompanhar de perto o preparo de dois pratos, a base de peixes, que foram servidos mais tarde, durante o almoço. Utilizando gordura (banha ou óleo), peixe (no caso o surubi), cenoura e batatinha (levemente cozidas), cebola cortada, pimentão picado, tomate sem pele e picado, ovos cozidos e picados, ervilha, milho verde, salsa, sal, pimenta, extrato de tomate, vinho ou limão, a Noemi ensinou aos participantes todos os segredos de um ensopado de peixe.

O "peixe recheado", foi outro prato preparado durante o curso e que recebeu a aprovação do pessoal. A receita é simples e fácil de ser seguida, como mostra o quadro abaixo.

Os pratos preparados durante o curso e saboreados durante o almoço agradaram a todos. Mais uma vez ficou comprovado que o peixe é um alimento que precisa fazer parte dos hábitos alimentares do povo da região, pelo valor nutritivo que apresenta. "Nós devíamos comer carne de peixe, disse a Noemi, pelo menos uma vez por semana. É preciso criar o hábito de introduzir o peixe na alimentação".

### PEIXE RECHEADO

**Ingredientes:** 6 a 8 cavalinhas, tilápias, carpas ou um outro peixe.

**Recheio:** 3 xícaras de migalhas de pão; 100 gramas de manteiga derretida; 1/2 xícara de cebolinha verde picada; 2 colheres de salsa picada; sal e pimenta à gosto. Ainda pode ser usado como recheio: carne moída e temperos verdes, milho verde, azeitonas e também miúdos.

**Modo de fazer:** Limpe os peixes, mas deixe-os inteiros. Acrescente a cebolinha verde à manteiga ou à margarina e deixe fritar por alguns minutos. Junte o pão e a salsinha e misture bem. Recheie cada peixe e feche com palitos. Coloque numa assadeira untada. Leve ao forno moderado e asse por uns 30 minutos até que os peixes estejam macios. Regue de vez em quando com manteiga derretida. Esta receita é para 4 a 6 pessoas.



**COTRIEXPORT**  
Corretora de Seguros Ltda.

A COTRIJUÍ dispõe de sua própria Corretora de Seguros prestando serviços aos associados, funcionários e amigos.

Seja você o próximo a usar os seus serviços, pedindo quaisquer informações sobre SEGUROS em geral.

Seguro é com a COTRIEXPORT — mais um elo da união.

# Mais uma etapa cumprida

Nos trabalhos que temos feito com grupos de famílias, temos percebido que a administração do lar vem sendo um assunto que merece ser discutido, pois vem ao encontro das necessidades do dia-a-dia.

Mas para que se possa produzir mais dentro do ambiente de trabalho é necessário que se tenha recursos disponíveis para uma boa atuação e melhor desenvolvimento das atividades programadas. Estes recursos vêm auxiliar ou servir como fonte de idéias e sugestões para que a mulher desperte para a importância da sua função na administração do lar.

Procurando facilitar o trabalho doméstico e para que este tenha um bom resultado, que é o benefício de proporcionar o bem-estar da família e conseqüentemente uma fonte de renda e lazer, foram realizados cursos de Corte e Costura nos núcleos de Pinhal, em Ajuricaba, em São Valentim, Ponte Seca e Assis Brasil, em Santo Augusto. Esta atividade vem ao encontro das necessidades da família rural.

De acordo com o nosso ponto de vista, o Curso de Corte e Costura é uma parte técnica, que caracterizamos como sendo uma etapa do trabalho educativo, não tendo como único objetivo apenas a prática. Também queremos despertar a mulher para a realidade que a envolve, não só no lar como também no contexto global. Além disso, é uma forma de proporcionar uma maior integração entre os familiares da comunidade e em relação à cooperativa, criando um clima de amizade e confiança. Acreditamos que esta prestação de serviço tem alcançado seus objetivos. Percebe-se uma motivação nos núcleos e uma maior conscientização, no que se refere a participação da Mulher dentro de sua Comunidade e também na Cooperativa.

Consideramos o resultado do trabalho como fruto do desenvolvimento das participantes na busca de conhecimentos e alternativas que lhe proporcionem melhores condições de vida.

## PEÇAS CONFECCIONADAS

Durante a realização dos cursos as participantes tiveram a oportunidade de confeccionar várias peças, em molde de papel e tecido. Aprenderam a cortar e costurar saias em diferentes modelos (reta, evasê, godê), blusas (manga curta, longa, japonesa), vestidos, (neste caso os modelos ficaram a critério e

gosto de cada aluna), camisas, eslaques, calças, bombachas, camisolas, chambres, blazer ou casacos e ainda muita roupa de bebê. Cada curso teve uma duração de 160 horas/aula.

O primeiro curso a encerrar foi o do núcleo de Assis Brasil, em Santo Augusto, no dia 27 de março. Participaram do curso de Corte e Costura: Célia Szulscierski, Celina Rigoli da Silva, Claudete Fátima Tamiozzo, Cleusa Maria Tamiozzo da Rosa, Iraci Dalsasso, Maria Prates, Maria de Lourdes Tamiozzo da Silva, Maria Terezinha Bueno da Silva, Marli Bandeira, Neldi Gritz, Neli Prates, Soeli Mager da Silva e Cecília Biasi da Rocha.

No dia 28 de março, foi a vez das participantes do núcleo de Pinhal, em Ajuricaba, receberem seus diplomas. Divididas em duas turmas, participaram do curso as seguintes esposas e filhas de associados: Ângela Bandeira, Catarina Mager, Célia Bandeira, Elzira Calgaro, Lídia Wozciekowsky, Marinês dos Santos, Rosane Fischer Francisconi, Roseli Fischer, Silvane Rosa, Sílvia Salete Bandeira, Sheila Rosa, Vaneete Francisconi, Vanilda Francisconi, Vera Lúcia Strada, Ana Strada, Clair de Marchi, Emília Pietzak, Ilse Paplawski, Iracema Serafini, Leonilda Pippi, Lourdes Bonna, Marinês Woian, Nilva Calgaro, Rita Lauer, Sidonia E. Ruppel, Theresa Steurer, Vanilda Bonna e Vilma Wagner.

## MAIS PARTICIPANTES

No núcleo de São Valentim, em Santo Augusto, 10 participantes concluíram o curso de Corte e Costura. A entrega de diplomas aconteceu no dia 29 de março. Concluíram o curso: Claudani Nicolli, Cleusa Pomer, Dulce Pomer da Silva, Elizabete Pomer, Lúcia Fucelini, Marlene Ciolin, Marlene Pomer, Marlei Nicolli, Marli Baraldi e Rosania Cipolatto.

Em Ponte Seca, também Santo Augusto, o encerramento aconteceu no dia cinco de abril. Receberam diploma Aldina Filipin, Eroni Obem, Jocelia Silveira, Lídia F. Fucelini, Maria F. Langner, Marli T. Tontini, Neide T. Filipin, Neiva Stival, Nelci Lewitzki, Rosa Tontini, Rosa F. de Oliveira, Gudi Inês Moresco, Solange Maria Obem e Derli Black.

Comunicação e Educação  
Liane Maria Ketzer  
Noemi Marlene Bubanz  
Carmem Michalski



Tanto em Assis Brasil. . .



. . . como no Pinhal . . .



. . . em São Valentim. . .



. . . e em Ponte Seca as alunas encerraram o curso com uma exposição dos trabalhos

## Um apelo reforçado



Hospital está melhor equipado e agora espera resposta favorável

Uma reivindicação feita pela direção do Hospital Bom Pastor, de Ijuí, no segundo semestre de 83, está agora sendo reforçada, e com o apoio de várias entidades. A casa de saúde espera ser credenciada pela Previdência Social, para que possa prestar atendimento a acidentados, tanto do meio rural como da cidade. Apesar de estar funcionando desde maio de 1981, o hospital — mantido pela Cotrijuí — ainda não pode oferecer este tipo de assistência, por não ter credenciamento do INAMPS.

Em 83, o hospital encaminhou a reivindicação ao chefe dos Serviços Médicos do INAMPS em Ijuí, Bruno Wayhs, mas o pedido não foi atendido, por decisão da direção do órgão no Estado. Agora, o Bom Pastor volta a renovar o apelo, desta vez com o apoio de sindicatos de trabalhadores e outras entidades. No dia 21 de março um novo processo foi encaminhado à direção dos Serviços Médicos em Ijuí, e resta aguardar uma resposta.

### APOIO

Num documento que encaminharam em janeiro deste

ano ao INAMPS, vários líderes de trabalhadores e empregadores ressaltam a necessidade de credenciamento do hospital. Este documento é assinado pelos presidentes dos sindicatos dos comerciários, metalúrgicos, trabalhadores da construção civil, transportes rodoviários, bancários, trabalhadores rurais, e também pelo Sindicato Rural Patronal, Centro de Atividades do SESC, Delegacia Regional do SESI, Associação Comercial e Industrial e Conselho de Saúde de produtores.

Este documento enfatiza que a reivindicação é "mais do que justa", e reflete um desejo de previdenciários da cidade e da zona rural. O Hospital Bom Pastor conta hoje com 38 leitos, sete médicos, uma enfermeira, 12 auxiliares de enfermagem e 20 outros funcionários. A casa de saúde presta praticamente todo o atendimento básico, e recentemente adquiriu um novo aparelho de raio-X. Se o credenciamento for concedido, a medida beneficiará, ao mesmo tempo, conforme o pedido, o Hospital Coronel Dico, de Coronel Barros.

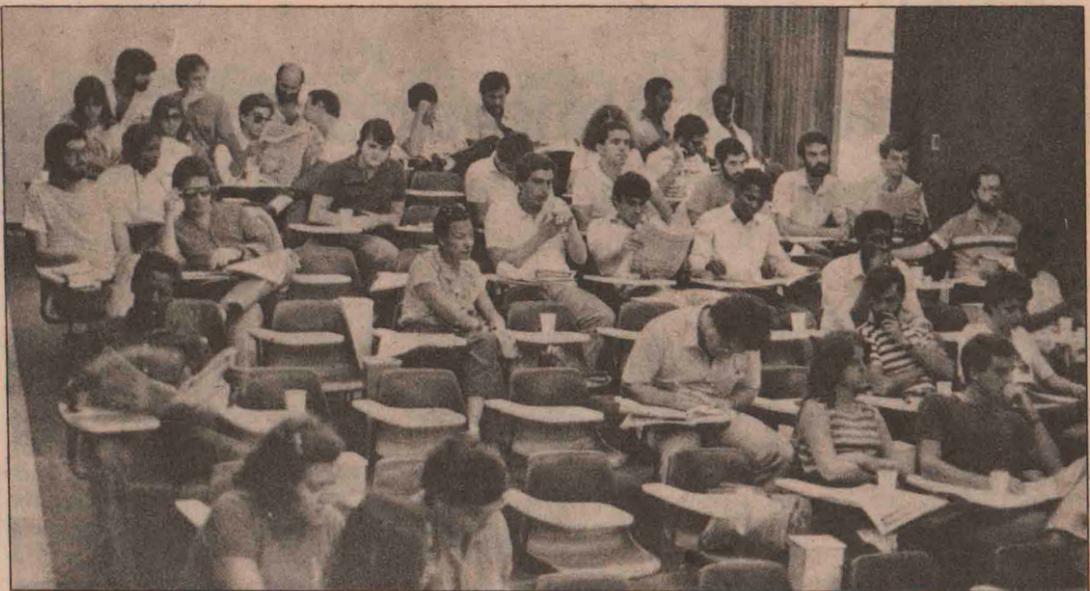
## Produção de semente de forrageiras em livro

Agrônomos, técnicos e outros profissionais dispõem de mais uma fonte de informações sobre forrageiras. Estão sendo distribuídos exemplares de uma publicação, em forma de apostila, com os resultados do curso de Produção e Tecnologia de Sementes de Forrageiras Tropicais e Subtropicais, realizado em outubro de 1981, em Porto Alegre e Ijuí. Assim, a troca de experiências pode ser levada mais adiante, não ficando restrita aos 33 agrônomos brasileiros e argentinos que participaram do encontro.

Este curso foi promovido pela Cotrijuí e pelo Grupo de Forrageiras da Faculdade de Agronomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com o apoio do "Grassland and Pasture Crops Group", que é um departamento da FAO, o setor que trata da área de alimentos na

ONU (Organização das Nações Unidas), e da Secretaria Permanente do Grupo Técnico Regional em Forrageiras do Cone Sul. A publicação divulga agora o que aconteceu durante o curso, que teve palestras e visitas a lavouras.

Os técnicos poderão, através deste trabalho, obter muitas informações sobre a produção de sementes de forrageiras, fornecidas por nomes como John Hopkinson, um pesquisador australiano especialista nesta área. Ele foi o principal conferencista do curso, que teve também a participação de técnicos da Argentina e de vários órgãos e entidades brasileiras. O diretor agrotécnico da Cotrijuí, Renato Borges de Medeiros, que foi um dos palestrantes, relatou — junto com colegas da Cooperativa — a experiência da organização nesta área, e é um dos editores da publicação.



Os alunos da Escola Rio Branco vieram conhecer a Cooperativa

## Futuros embaixadores visitam a Cotrijuí

Pela segunda vez, em pouco menos de um ano, a Cotrijuí recebe a visita dos alunos do Instituto Rio Branco, do Rio de Janeiro. A comitiva, chefiada pelo embaixador e diretor da Escola de Formação Diplomática do Itamarati, Wladimir do Amaral Murtinho, estava formada por 43 futuros embaixadores, sendo 36 brasileiros e sete estrangeiros. A visita aconteceu no sábado, dia 17 de março passado.

Na visita as instalações da Cotrijuí em Ijuí, os futuros embaixadores foram recebidos pelo vice-presidente, Arnaldo Oscar Drews e pelo diretor de Comunicação e Recursos Humanos, Rui Polidoro Pinto. Arnaldo Drews falou sobre a estrutura organizacional da Cooperativa e respondeu as perguntas levantadas pelos visitantes.

No Centro de Treinamento da Cotrijuí, onde aconteceu o almoço, o pessoal ainda ouviu o diretor do Departamento Agrotécnico da Cotrijuí, Renato Borges de Medeiros falar sobre os trabalhos de pesquisa que vêm sendo realizadas naquele Centro, comprovado com uma visita as áreas experimentais. Durante a conversa com os futuros embaixadores o diretor agrotécnico falou da necessidade de se produzir alimento de forma mais barata e em larga escala. "A tecnologia proposta nos dias de hoje não valoriza o homem e nem a terra, mas procura beneficiar o capital e a tecnologia. Neste sentido o Centro de Treinamento vem discutindo algumas propostas que se adaptem à realidade da região, com tecnologias mais simplificadas e de menos custos". Citou como exemplo os projetos de suinocultura, de avicultura, em semi

confinamento, de piscicultura, de terneiro precoce, alimentando-se à base de pastagens realizado no CTC. Ressaltou o interesse dos produtores da região em encontrar uma saída que os torne menos dependentes de recursos financeiros.

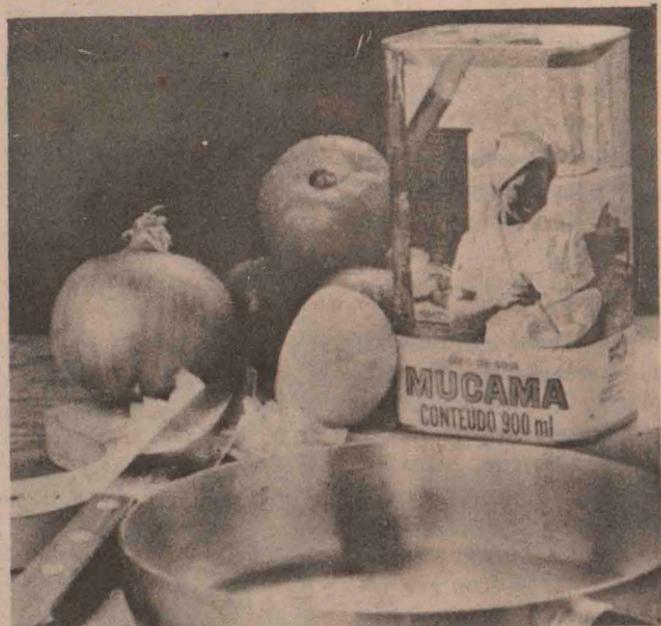
### OS MOTIVOS

A dimensão da Cotrijuí, "se espalhando por vários pontos do Estado e também pelo Mato Grosso do Sul", a questão da monocultura e da exportação,

segundo o embaixador Wladimir Murtinho, foram os motivos que trouxeram os alunos da Escola Rio Branco até a Cotrijuí. "São questões que nos interessam e nada melhor do que vir até a Cotrijuí, e discutir com seus dirigentes estes problemas".

À tarde os futuros embaixadores visitaram as Ruínas de São Miguel, em Santo Ângelo, onde assistiram ao show "Som e Luz", antes de regressarem ao Rio de Janeiro.

## Óleo Mucama, o gostinho bom de todos os pratos.



COTRIJUI  
cooperativa regional tritícola serrana Ltda.

## ATARGS: Decisão do congresso: técnico deve ser prático e crítico

Os técnicos agrícolas devem estar ao lado dos produtores, para que o modelo agrícola brasileiro seja reformulado e, ao mesmo tempo, se dê prioridade às tecnologias alternativas. Estas são duas das principais conclusões do 1º Congresso Estadual de Técnicos Agrícolas do Rio Grande do Sul, realizado de 23 a 25 de março em Tramandaí. O encontro reuniu mais de 350 profissionais, e resultou num documento com uma série de posições a respeito de assuntos que vão desde a situação específica dos técnicos até questões da área política.

Profissionais da Região Pioneira da Cotrijuí participaram deste congresso, que também elegeu os novos dirigentes da ATARGS — a associação que congrega a categoria. O presidente Edgar da Silva, de Porto Alegre, foi substituído por Dirceu José Boniatti, também da capital. O vice, Sady Pereira, de Ijuí, deixou o cargo, que passa a ser ocupado por José Carlos da Veiga Mello, de Santo Ângelo; e Pedro Pitol, também de Ijuí, assumiu como tesoureiro geral. Outro ijuiense, João Valmir Cezimbra Lopes, que já era presidente da regional 3 da ATARGS, continua neste cargo e ainda passa a integrar o conselho fiscal.

### MODELO

O documento com as conclusões do congresso relaciona, inicialmente, questões referentes à Agricultura e Desenvolvimento. Aí, os técnicos defendem a reforma agrária e uma mudança no modelo agrícola, sempre lembrando que a categoria deve trabalhar ao lado do produtor para que haja conscientização e organização. Defendem ainda uma participação mais ativa dos produtores nas decisões de suas cooperativas; reformulação nas leis que tratam do uso de pesticidas; e a contratação de técnicos, pelo Banco do Brasil, para fiscalização de projetos.

O documento trata ainda de temas da área de tecnologia e meio ambiente, recomendando que a categoria participe de movimentos ecológicos, para preservação da natureza. Os profissionais defendem o estudo da ecologia ligada à agricultura nas escolas, e a prioridade da pesquisa às tecnologias alternativas para produção de alimentos destinados ao consumo dos brasileiros, e não à exportação. Os assuntos que os técnicos já vêm debatendo há bastante tempo, e que se referem às suas atividades, também são abordados.

### DISCRIMINAÇÃO

Eles exigem uma maior valorização do profissional, em órgãos públicos ou particulares, pedindo que a assistência técnica seja ampliada, com prioridade para os pequenos e mini produtores. No Congresso, foi dada ênfase aos problemas que a categoria enfrenta ao ser — segundo a ATARGS — discriminada por entidades como o CONFEA (Confederação Nacional de Engenharia e Agronomia) e pelo CREA, que é a entidade regional destes profissionais. Apesar de contribuírem para a manutenção destes órgãos, os técnicos não têm poder para participar de decisões.

As divergências com os agrônomos, através da CONFEA e do CREA, envolvem vários aspectos, entre os quais a posição dos técnicos de nível superior, que não admitem o técnico de nível médio prescrevendo receita agrônoma. Este assunto é igualmente levantado no documento, que reivindica a regulamentação da lei 5.524/68, que disciplina as atividades dos técnicos. Finalmente, a categoria defende a realização de eleições diretas em todos os níveis; direito à greve para todos os trabalhadores; autonomia sindical; e estabilidade no emprego.

## Interesse no trabalho de educação



Dirigentes de cooperativas, agricultores e técnicos ligados ao grupo Copercacau de Ilhéus, na Bahia, circularam no início do mês de abril, pelo sul do país, visitando algumas cooperativas e instituições de ensino. A excursão começou com uma visita ao parque industrial da Central Sul, em Porto Alegre. Em Ijuí, a comitiva, integrada por 20 pessoas chegou no dia três de abril, cumprindo uma extensa programação de dia e meio.

Na Cotrijuí a comitiva foi recebida pelo vice-diretor, Arnaldo Oscar Drews e pelo diretor de Comunicação e Recursos Humanos, Rui Polidoro Pinto. Arnaldo Drews falou sobre a estrutura organizacional da Cotrijuí, sua expansão pelo Mato Grosso e pela fronteira do Estado, onde se deparou com situações totalmente diferentes. Falou da diversificação, "uma luta de seis anos da Cotrijuí", dando ênfase aos trabalhos com a colza, "hoje seguramente ganhando mercado".

A organização do quadro social e a participação do associado nas decisões da instituição cooperativa foi o assunto levantado pelo diretor de Comunicação e Recursos Humanos. Rui Polidoro falou sobre as dificuldades de vincular o conhecimento do associado ao atendimento do funcionário. Na parte da tar-

de o pessoal fez uma visita ao Centro de Treinamento, em Augusto Pestana e às Ruínas de São Miguel, em Santo Ângelo.

Depois de uma visita à Fidene/Unijuí, onde o pessoal assistiu uma palestra sobre o relacionamento Cooperativo e quadro social, a comitiva seguiu para o Paraná, onde visitou a Cooperativa Mista Agropecuária Witmassun Ltda. (Cocap) e Cocomar, em Maringá, a Coamo, em Campo Mourão e a Coral, em Rolândia. Em São Paulo, visitou a Cooperativa Sul Brasil.

O objetivo da excursão, segundo Elias Veloso, da divisão de Cooperativismo da Ceplac (Comissão Executiva de Recuperação da Lavoura Cacaueira) e também coordenador da comitiva, é o de despertar novas lideranças entre os produtores rurais associados ao sistema Copercacau, para que passem a participar ativamente do movimento cooperativista. "Como existe uma ansiedade na região, por parte dos associados no sentido de que a Cooperativa também atue na área de educação, estamos buscando subsídios em outras cooperativas, como a própria Cotrijuí, para organizarmos melhor nosso quadro associativo".

## Uma colmeia ao ar livre

Uma colmeia ao ar livre. Esta raridade existe numa área do seu Alberto Manhabosco, em Ponte do Conceição, Ijuí. Há um ano as abelhas iniciaram a formação da colmeia, que ficou dependurada em cipós e taquaruçu. Ela tem um metro e 60 de altura, por uns 40 centímetros de largura, e juntou uma quantidade de abelhas suficiente para umas três colmeias domésticas, destas que se instalam em caixas.

O professor e antropólogo Danilo Lazarotto, que fez a fotografia, ficou entusiasmado com a descoberta, porque casos como este são raros. As abelhas geralmente procuram locais abrigados, mas desta vez decidiram enfrentar o sol, o frio e toda a chuva que caiu no ano passado. Lazarotto pretende fazer a mudança das abelhas para uma colmeia caseira.

As abelhas enfrentaram toda a chuva do verão



## Novos conhecimentos

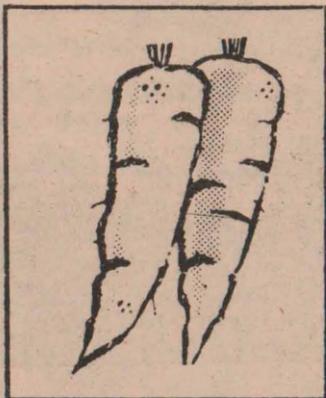
Por um período de dois anos o agrônomo e coordenador do Centro de Treinamento da Cotrijuí, Luís Volney Mattos Viau, vai permanecer em Porto Alegre, onde desde o início de março realiza um curso de mestrado na Faculdade de Agronomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A saída do Luís Volney para estudar fora e aperfeiçoar seus conhecimentos está inserida dentro dos objetivos da Cooperativa, de capacitar melhor o pessoal envolvido na área de pesquisa realizada pela Cotrijuí no Centro de Treinamento. Ao mesmo tempo que adquire novos conhe-

cimentos, o agrônomo aproveita a oportunidade para trocar experiências com a própria Faculdade e demais instituições que atuam na área de melhoramento de plantas.

O trabalho de conclusão do curso do Luís Volney vai ser dirigido para a área de melhoramento de plantas, dando especial atenção a métodos de seleção de aveia. Além da área de melhoramento de plantas de lavoura, o agrônomo ainda terá oportunidade de se aprofundar em outras áreas, como ecologia, manejo de plantas de lavouras, doenças e pragas que atacam plantas cultivadas.

# A lavoura do mês



## HORTALIÇAS DIVERSAS

Na edição anterior citava-se que para o sucesso da horta doméstica necessitava-se de terra com matéria orgânica, água e cuidado (trabalho). E nenhum destes fatores implica em desembolso de dinheiro para o produtor.

As condições do tempo de março/abril em diante são favoráveis ao desenvolvimento da maioria das hortaliças e assim está ocorrendo também neste ano, com chuvas adequadas e noites menos quentes, o que tem facilitado a germinação das sementes. Neste período ainda pode haver problemas com fungos de solo nas sementes, recomendando-se aplicação de água quente nos canteiros antes da semeadura, que assim se elimina este problema que pode

ser bastante sério para beterraba, cebola, repolho e outros.

Neste período, além de rúcula, recomenda-se a semeadura de cebola, sendo que para se obter 200 mudas pode-se usar 30 g de semente.

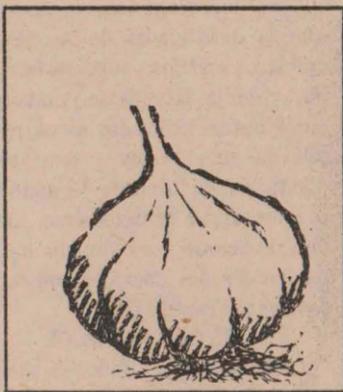


## BATATA

As lavouras de segunda safra ou safrinha foram de fato prejudicadas, segundo observações feitas em algumas propriedades da região, conseqüência principalmente da insolação intensa ocorrida em alguns dias no mês de fevereiro. Observa-se ainda que as áreas implantadas mais no período final do mês de fevereiro e que tiveram chuvas adequadas estão se desenvolvendo bem, esperando-se um bom resultado em termos de produtividade.

Outra observação feita neste período é de que não adianta plantar batata (na safrinha) sem o uso de brotador, que é uma técnica simples, acessível a todos e que traz excelentes resultados a nível de lavoura.

Em relação a pragas, cabe destacar a intensa ocorrência da "mosquinha branca", que individualmente não traz grandes prejuízos, mas em função da existência de grande quantidade por planta prejudicam em muito seu desenvolvimento. O controle desta praga tem sido difícil e raros produtos têm dado bons resultados.

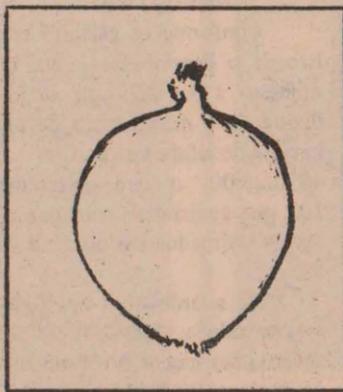


## ALHO

Estamos em plena fase de debulha e preparo das sementes para o próximo plantio. Igualmente nesta época é selecionada a área onde será cultivado o alho, lembrando-se que áreas úmidas, sujeitas a alagamentos ou que mantenham a água por períodos mais longos, devem ser evitadas, para que não surjam problemas no final do ciclo da cultura, quando nesta região normalmente ocorrem dias chuvosos.

Os financiamentos já são disponíveis em toda região, devendo-se ter todo cuidado para retirar o valor

adequado à implantação da cultura, sendo que para isso o Depto. Agrotécnico tem todas as condições para prestar a devida orientação. Lembra-se mais uma vez que uma lavoura de alho bem conduzida pode ser uma excelente fonte adicional para melhorar o rendimento em uma propriedade agrícola.



## CEBOLA

A procura de semente de cebola tem sido muito grande, esgotando-se rapidamente a quantidade inicial de sementes disponíveis na cooperativa. A quantidade de sementes produzidas em Dom Pedrito é suficiente para atender às necessidades da região e comercialização com terceiros e existe novamente sementes disponíveis em todos locais de venda.

O canteiro para a semeadura deve ser bem destorroado e não precisa de muita matéria orgânica. O importante na sementeira é manter constante a umidade do solo, sendo, muito útil abafar a superfície com

um pano durante os primeiros dias. A variedade Baía periforme distribuída na região é bem resistente a doenças e dificilmente ocorrem problemas na sementeira.



## MANDIOCA

A mandioca para uso na alimentação animal, ou o aipim para o consumo humano, são importantes alimentos e que devem estar presentes em todas propriedades. Este ano, acredita-se que tenha havido algum aumento na área cultivada, principalmente pelo reconhecimento da importância da cultura.

A partir deste período é necessário que se previna para guardar rama para obtenção de mudas para o plantio na primavera. As novas variedades distribuídas a partir de ensaios no CTC, estão se comportando bem a nível de campo, estando em fase de acompanhamento para avaliação do seu desempenho em relação às variedades tradicionalmente cultivadas na região.



## Pedidos de mudas

A Cotrijuí dispõe de mudas frutíferas (laranjeiras, bergamoteiras, limoeiros, limeiras, pessegueiros, pereiras e ameixeiras), ao preço de Cr\$ 1.200,00 cada uma e também de mudas de eucaliptos. O associado interessado poderá procurar o departamento técnico de sua Unidade para encaminhar seus pedidos.

## QUADRO DE ÉPOCAS DE SEMEADURA/VARIEDADES/ÁREA

	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Mai	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Repolho			12 m <sup>2</sup> Coração de Boi e Matzukase				12 m <sup>2</sup> Matzukase, Chumbinho				12 m <sup>2</sup> Matzukase, Chumbinho	
Couve			12 m <sup>2</sup> Manteiga				12 m <sup>2</sup> Manteiga					
Rabanete	4 m <sup>2</sup> Saxa, Redondo vermelho		4 m <sup>2</sup> Saxa, Redondo vermelho		4 m <sup>2</sup> Saxa, Redondo vermelho		4 m <sup>2</sup> Saxa, Redondo vermelho		4 m <sup>2</sup> Saxa, Redondo vermelho		4 m <sup>2</sup> Saxa, Redondo vermelho	
Rúcula	6 m <sup>2</sup> Cultivada			6 m <sup>2</sup> Cultivada			6 m <sup>2</sup> Cultivada			6 m <sup>2</sup> Cultivada		
Cenoura			18 m <sup>2</sup> Nantes						18 m <sup>2</sup> Kuroda			
Alface	12 m <sup>2</sup> Kagraner e Maravilha verão		12 m <sup>2</sup> Boston Branca e Rainha Mai		12 m <sup>2</sup> Boston Branca e Rainha Mai		12 m <sup>2</sup> Boston Branca e Rainha Mai		12 m <sup>2</sup> Kagraner e Maravilha verão		12 m <sup>2</sup> Kagraner e Maravilha verão	
Beterraba			18 m <sup>2</sup> Tall Top						18 m <sup>2</sup> Tall Top			
Tomate	50 plantas Yokota							50 plantas Kada, P. Gig.				
Pepino	50 plantas Wisconsin							50 plantas Wisconsin			50 pl. Ginca	
Cebola			2.000 plantas Baía Periforme	2.000 plantas Baía Periforme								

COLHEITA DO MÊS (para quem segue as sugestões do plantio do quadro acima): Rabanete, Alface, Rúcula.

# O quanto custa um alfafal

Todo o produtor que possui um alfafal na propriedade sabe muito bem que terá alimento garantido para a criação durante uma boa parte do ano. Mas para que isso aconteça, basta apenas que observe alguns cuidados durante o manejo para que a alfafa não perca parte de sua qualidade e tenha condições de continuar produzindo por vários anos. O manejo adequado ganha, inclusive, importância econômica na medida em que contribui para que a alfafa produza por muito tempo, sem necessidade de replante, ainda mais numa época destas, em que o dinheiro anda escasso e caro.

Todos os anos o Luís Juliani, tecnólogo em administração rural ligado a diretoria agro-técnica da Cotrijuí, elabora um estudo na intenção de descobrir em quanto anda o custo de implantação de um hectare de alfafa. Desta forma, o Juliani tem procurado mostrar ao produtor, de forma bastante simples, o quanto de dinheiro vai precisar desembolsar para implantar um alfafal na sua propriedade. Seguindo as informações mostradas pode muito bem decidir o tamanho da sua lavoura, considerando o dinheiro disponível.

Na primeira olhada nos números da tabela, o produtor pode até ficar meio assustado, mas ele precisa lembrar que todos os gastos iniciais serão compensados pela produção de sementes e feno e ainda pelo fornecimento de pastos aos animais, mantendo o rebanho sempre bem alimentado e em boas condições.

Para efeitos de cálculos o Juliani considerou para o alfafal um ciclo produtivo de quatro anos (mas ressalva que existem

casos em que o alfafal, desde que manejado adequadamente, tem uma duração de até sete anos). "O custo estimado, lembra o Juliani, foi feito com base no primeiro ano e depois rateado entre os quatro anos de produção da alfafa". Só que para o caso do rateio, não fez nenhuma projeção para os próximos anos de duração do alfafal. Os custos de implantação e manutenção foram baseados em preços válidos até 30 de abril.

## DINHEIRO GASTO

Conforme os cálculos realizados o desembolso inicial de dinheiro a ser aplicado na implantação e manutenção de um hectare de alfafa será de Cr\$ . . . 487.028,00, o que representa 102 por cento mais caro que os custos estimados em outubro de 83.

De acordo com os números da tabela, Cr\$ 202.180,00 deverão ser gastos no momento da implantação e o restante, Cr\$ 284.848,00 na manutenção (aplicação de defensivos, bórax, cloreto de potássio e outros). Computado um custo total de Cr\$ 487.028,00 por hectare, o quilo da semente a ser plantada ficará em torno de Cr\$ . . . . . 40.585,66, contra os Cr\$ . . . . . 20.035,24 estimados para outubro passado. No rateio não foram computados os Cr\$ . . . . . 23.000,00 gastos com defensivos.

## PESO FINANCEIRO

Caso o produtor decida financiar a sua lavoura, o custo vai se elevar bem mais, quase triplicando. Esse custo estimado, passa de Cr\$ 487.028,00 para Cr\$ . 1.089.774,00. Mais da metade, Cr\$ 602.746,00 serão despesas financeiras (custeio da lavouras, juros, taxas). Também o preço

do quilo da semente de alfafa aumenta de Cr\$ 40.585,55 para Cr\$ 90.814,48.

Estas informações utilizadas e que permitiram ao Juliani determinar os custos de implantação de um hectare de alfafa, contando desde o tempo gasto em operações mecânicas na lavoura, como aração, gradeação, entre outros, e ainda mais a mão-de-obra, tiveram como base trabalhos realizados no Centro de Treinamento da Cotrijuí.

O tecnólogo lembra ainda, que as quantidades de insumos aplicados (calcário, superfosfato, bórax, uréia, cloreto de potássio entre outros utilizados na correção do solo), mais a semente plantada (em torno de 12 quilos por hectare) e os defensivos, foram de acordo com a média das recomendações técnicas indicadas nas análises do solo.

## TODOS OS CÁLCULOS

Para chegar a todos os custos de implantação de um hectare de alfafa, o técnico considerou todos os gastos com insumos, computando desde aplicação de calcário, superfosfato, bórax, sementes e ainda com as máquinas e implementos (combustíveis, lubrificantes, peças e reparos). Também computou todo o trabalho de mão-de-obra empregada durante a implantação e ainda na manutenção do alfafal.

Como mostra a tabela, dos Cr\$ 487.028,00 gastos na implantação e manutenção, Cr\$ . . 439.268,00 deverão ser gastos com insumos, sendo que Cr\$ . . . 185.858,00 durante a implantação e Cr\$ 253.410,00 na manutenção. Nos cálculos de custos dos insumos utilizados durante a implantação do alfafal, foram considerados pelo Juliani os gas-



Um alfafal custa caro, mas se paga

tos com calcário (10.000 quilos por hectare), com o superfosfato triplo (350 quilos), com cloreto de potássio (250 quilos), com o bórax (30 quilos), com o hiperfosfato (50 quilos), semente (12 quilos) e defensivos (um litro por hectare). Na manutenção foram computados os gastos com o cloreto de potássio, na base de 350 quilos por hectare, o superfosfato, 150 quilos, o bórax, 40 quilos e com um litro de defensivo. Para o cálculo dos custos das máquinas, implementos e mão-de-obra, foram considerados os cálculos efetivos, sem qualquer rateio.

Na computação da utilização das máquinas e implementos, foram levados em conta o custo da hora-máquina, incluindo o valor das peças e reparos, graxas, combustíveis e lubrificantes. Considerou ainda o valor das operações realizadas na implantação do alfafal, como a aração, duas gradagens, construção de terraços, semeadura, adubação, entre outras. Apenas no trabalho com as máquinas, os gastos somaram (implantação e manutenção), Cr\$ 42.985,00.

Os cálculos permitiram estimar inclusive o tempo gasto nas operações. Na implantação, por exemplo, foram gastos 751 minutos com mão-de-obra, o

que corresponde, depois de feito o rateio, a um custo de Cr\$ . . 1.397,00 por hectare. Nos trabalhos de manutenção de um hectare de alfafa foram gastos 455 minutos com mão-de-obra. Para o cálculo de mão-de-obra utilizada foram considerados as horas gastas na formação e manutenção da lavoura, "tomando por base o valor do salário mínimo atual, de Cr\$ . . . . . 57.120,00", diz.

## MAIOR PESO

Deixando de lado as despesas financeiras — com maior representação nos custos de formação de qualquer lavoura financiada — os insumos apresentam o maior peso nos custos, chegando a representar 90,19 por cento do total dos custos (só o cloreto de potássio atinge 31,16 por cento). Em segundo lugar aparecem as máquinas e implementos, representando 8,82 por cento e a mão-de-obra, 0,98 por cento.

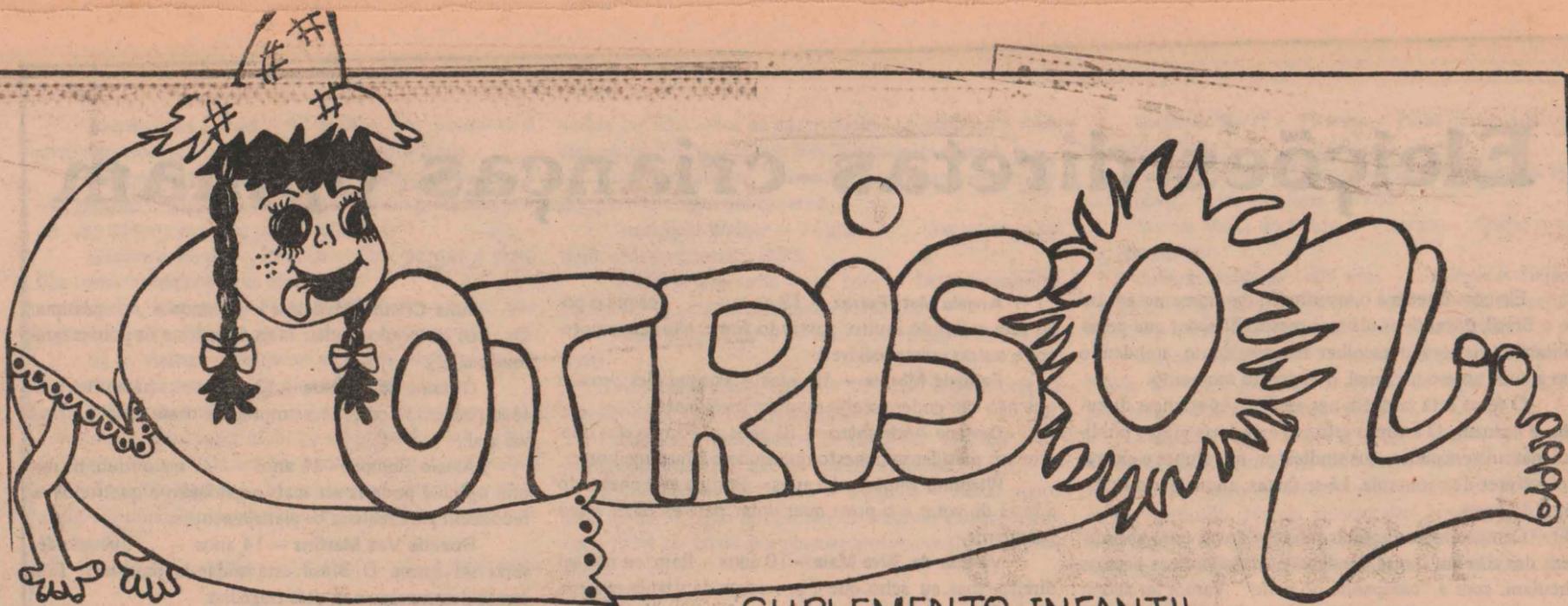
Embora à primeira vista, a implantação de um hectare de alfafa pareça ter um custo bastante elevado, é preciso levar em conta que a sua produção pode chegar a 9.600 quilos de feno por hectare/ano, produzindo uma média de oito cortes por ano (1.200 quilos por corte). Considerando esta produtividade e o preço de Cr\$ 90,00 o quilo, estimado para fins de abril, o produtor terá de produzir, 8.219 quilos para cobrir o desembolso direto da implantação (custo total da implantação da alfafa sem o rateio). Para cobrir o custo do ano (implantação rateada em quatro anos e mais a manutenção), no valor de Cr\$ . . . . . 487.028,00, a produção necessária será de 5.412 quilos. Contando que o produtor tenha uma estrutura maquinária na propriedade, já nos primeiros resultados, terá condições de repor o dinheiro desembolsado, ainda sobrando algum lucro.

A partir do segundo ano, o gasto de manutenção do alfafal vai corresponder a 3.165 quilos de feno por ano, "sempre considerando a mesma relação de aumento entre os insumos e os preços", salienta o tecnólogo.

## CUSTO DE IMPLANTAÇÃO DE UM HECTARE DE ALFAFA

ESPECIFICAÇÃO	IMPLANTAÇÃO			MANUTENÇÃO		CUSTO TOTAL	
	Kg/ha	Cr\$/ha	Cr\$/ano (1)	Kg/ha	Cr\$/ha (2)	Cr\$/ano (1+2)	Cr\$/kg
Insumos							
Calcário	10.000	209.300,00	52.325,00	—	—	52.325,00	4.360,42
Superfosfato triplo	350	175.490,00	43.873,00	150	75.210,00	119.083,00	9.923,58
Cloreto de potássio	250	92.000,00	23.000,00	350	128.800,00	151.800,00	12.650,00
Bórax	30	19.800,00	4.950,00	40	26.400,00	31.350,00	2.612,50
Hiperfosfato	50	11.500,00	2.875,00	—	—	2.875,00	239,58
Semente	12	143.340,00	35.835,00	—	—	35.835,00	2.986,25
Defensivos	1 L.	23.000,00	23.000,00	1 L.	23.000,00	46.000,00	3.833,33
SUB-TOTAL (1)	—	674.430,00	185.858,00	—	253.410,00	439.268,00	36.605,66
Máquinas e implementos	—	59.702,00	14.925,00	—	28.060,00	42.985,00	3.582,08
Mão-de-obra	751 min	5.587,00	1.397,00	455 min	3.378,00	4.775,00	397,92
SUB-TOTAL (2)	—	65.289,00	16.322,00	—	31.438,00	47.760,00	3.980,00
TOTAL (1+2)	—	739.719,00	202.180,00	—	284.848,00	487.028,00	40.585,66
Despesas Financeiras *	—	—	—	—	—	602.746,00	50.228,82
TOTAL GERAL	—	—	—	—	—	1.089.774,00	90.814,48

\*Correção Monetária mais três por cento num período médio de 240 dias  
— Para efeito de cálculo do custo de um alfafal, foi estimada em quatro anos a duração da pastagem



SUPLEMENTO INFANTIL

ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE IJUI

# Agora é tempo de estudar

Como estão as aulas?

O ano escolar já começou a mais de um mês. Temos certeza que se abriu cheio de novidades e experiências novas.

Depende em grande parte de você, de seu esforço, de sua vontade, fazer dele um ano proveitoso, junto com os colegas e professora. Um ano cheio de descobertas de valores, experiências e aprendizagens. É isso que desejamos a você, que está tendo a chance de estudar e que é participante do Cotrisol.

Preparamos para você um pouquinho de cada coisa: uma entrevista, os direitos da criança, para você ler e discutir com as outras crianças e os adultos e passatempos

Ah! queremos dizer que gostamos muito de receber cartinhas com contribuições para o jornal: poesias, palavras cruzadas, charadas, desenhos, histórias, experiências, brincadeiras, etc. . .

Vamos organizar a sua carta.

Um abraço amigo.

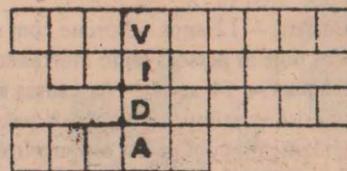
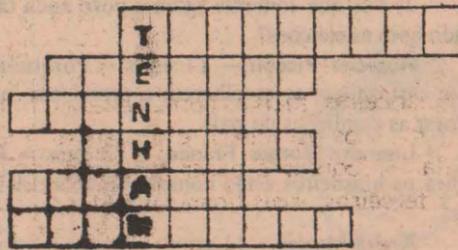
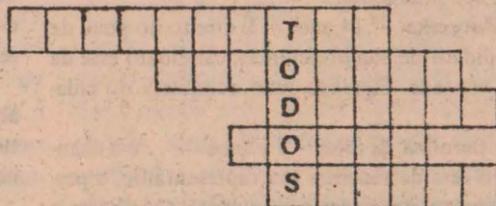
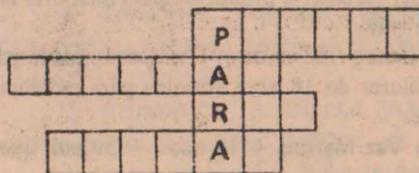
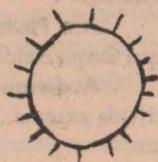


## Cruzadas

A Campanha da Fraternidade 84 quer defender a VIDA, especialmente a vida das crianças.

Escreva nas cruzadas os Sinais de VIDA em você!

- |            |           |
|------------|-----------|
| pensar     | cheirar   |
| rir        | sentir    |
| pular      | alimentar |
| conversar  | dançar    |
| trabalhar  | criar     |
| crescer    | escolher  |
| dormir     | ouvir     |
| movimentar | querer    |
| respirar   | provar    |
| brincar    | chorar    |
| jogar      | olhar     |



# Eleições diretas - crianças opinam

Eleições diretas é o assunto do momento em todo o Brasil, durante os últimos meses. Eleições que possibilitam o eleitorado escolher seu presidente, atendendo um grande anseio nacional, o maior do momento.

O tema está também nas escolas. As crianças discutem e opinam. O assunto está nas artes, nas praças públicas, nas universidades, nos sindicatos, nos clubes e em vários setores da economia. Lê-se faixas, anunciando os desejos do povo.

Compositores fazendo músicas novas com abordagem das diretas. Lojas vendendo camisetas e as pessoas circulam, com a "campanha no peito". Vamor ler agora, o que as crianças de 8 a 14 anos, da Escola de 1º Grau Dr. Rui Barbosa e da Escola de 1º Grau "Francisco de Assis", de Ijuí têm a nos dizer sobre o assunto:

1) O que você entende por eleições diretas?

**Andréia Quaresma** - 12 anos - "Eu entendo que é o povo que vota, simplesmente isto".

**Vanusa da Silva** - 10 anos - Não entendo muita coisa não, mas quero que o Brasil tenha um bom presidente.

**Angela Mari Ferraz** - 12 anos - Eu entendo que eleições diretas é o povo que elege o novo Presidente. Se foi o colégio eleitoral aí então vão ser eleições indiretas. Todo povo quer escolher o presidente para melhorar nossa situação de vida.

**Eliane Lima** - 13 anos - É a oportunidade para as pessoas maiores de 18 anos votarem para escolher o seu presidente.

**Rozilda Vaz Martins** - 14 anos - Entendi que o povo está muito preocupado com essa eleição.

**Janete de Melo** - 11 anos - Eu acho que eleição direta é cada um escolher o presidente que quiser.

**Carine Lúcia Nehring** - 10 anos - Eu entendo que o povo quer votar. Senão serão só as 686 pessoas do governo e da oposição que fazem parte do Colégio Eleitoral, que poderiam votar.

**André Maciel** - 11 anos - Eu entendo que é para o povo eleger seu presidente.

**Egon Motycska** - 14 anos - É direito do povo de votar no candidato de sua preferência, candidato esse da sua legítima vontade. Significa uma conquista do cidadão.

**Marina Carolina da Silva** - 14 anos - ... é a chance que o povo tem de escolher seu representante, a pessoa mais conveniente para ser o presidente e melhorar o Brasil.

2) Por que somente agora o povo anda tão preocupado com as eleições?

**Rosecler Piccoli** - 11 anos - Porque as pessoas têm certeza que se escolherem o presidente, podem melhorar as condições do país.

**Lisandra Borges Franco** - 12 anos - Porque só agora os brasileiros estão conscientes sobre eleições diretas.

**André Maciel** - 11 anos - Porque o povo anda revoltado com os preços das mercadorias, dos aluguéis e a inflação.

**Sirlei Bonatto** - 12 anos - Porque com esse presidente que temos hoje as pessoas estão morrendo...

**Marcia Schetert** - 14 anos - As causas são várias. Uma delas é a crise econômica que o país passa. Fome, miséria e endividamento com países estrangeiros.

**Rozilda Vaz Martins** - 14 anos - Porque o povo não entende muito bem, agora eles estão procurando saber detalhes sobre as eleições.

**Rosângela Schwinskel** - 12 anos - ... porque o governo tá tomando conta de tudo que é "besteira".

**Gislaine dos Santos** - 12 anos - Eu acho que é por causa do custo de vida que está muito alto.

**Eliane Lima** - 13 anos - Porque só agora o povo está abrindo os olhos e reconhecendo que o Brasil está indo cada vez mais para baixo.

**Angela Mari Ferraz** - 12 anos - ... porque o povo está sofrendo muito, passando fome, não tem empregos e outras coisas sofríveis.

**Fabiana Moraes** - 10 anos - Porque eles pensam que não vão poder escolher o novo presidente.

**Darlene Andrigheto** - 10 anos - Porque eles querem um presidente honesto que ajude o Brasil melhorar.

**Wladimir Miola** - 10 anos - Porque está chegando a hora de votar e o povo quer votar para escolher o seu presidente.

**Vanusa da Silva Maia** - 10 anos - Bem, eu não sei direito, mas eu acho que é por causa da dívida externa que o Brasil tem que pagar para os Estados Unidos. Por isso o Figueiredo que ficar de fora disso.

**Andréia Copetti Callai** - 09 anos - Porque agora é um bom momento para as diretas.

**Jacira Barriuello Pinto** - 09 anos - Porque já está chegando a hora de votar e ainda não sabemos se vai ser diretas ou indiretas.

**Maria Falkembach** - 11 anos - Porque agora o Brasil está em péssimas condições, cheio de dívidas internas e externas. O povo não aguenta mais, está querendo alguém que acabe com isso logo.

**José Adelar Amaral da Rosa** - 13 anos - Porque "Eles" querem eleger o presidente do jeito que "Eles" querem.

**Ana Paula Canal** - 09 anos - Porque tem medo de que façam eleições indiretas.

**Anderson Bittencourt** - 11 anos - Por causa da dívida externa, muita pobreza e só agora se "fragou" disso.

**Elenir das Chagas** - 11 anos - Porque nós precisamos de um novo presidente.

**Paulo César Milke** - 14 anos - ... eu acho que deveriam ter pedido as diretas 20 anos antes...

**Geneci Veiga** - 13 anos - ... porque somente agora abriu os olhos para a realidade.

**Sandra Beatriz de Lima** - 13 anos - ... porque se deixarem "os de Brasília", que são os mais importantes, eles irão escolher o presidente que melhor convier para seus bolsos.

**Egon Motycska** - 14 anos - O povo finalmente acordou para seus direitos, talvez devido a abertura política e a democracia, que abrem caminho para o povo opinar...

3) Como você vê a situação atual do Brasil?

**Dilce Reis Beck** - 12 anos - ... muito difícil.

**Andréia Quaresma** - 12 anos - Está em grandes dificuldades financeiras.

**Eleandro Sukacheski** - 11 anos - ... o povo está muito pobre.

**Maria Falkembach** - 11 anos - O Brasil está em péssimas condições com muitas dívidas, inflação enorme e cheio de ladrões.

**Andréia Copetti Callai** - 09 anos - Muito mal, o governo anda muito mal comportado. Por isso a crise aumenta cada vez mais.

**Darlene Andrigheto** - 10 anos - Eu estou, insatisfeita porque o Brasil está em péssimas condições.

**Danton Pierret** - 11 anos - Péssimo porque o povo está sendo cada vez mais massacrado.

**Angela Maria Ferraz** - 12 anos - ... eu vejo que o Brasil está indo cada vez mais para baixo.

**Julia Cristina Medeiros** - 11 anos - ... péssima. Os ricos querendo ganhar mais dinheiro e os pobres querendo ajuda.

**Gislaine dos Santos** - 13 anos - ... há muitas pessoas passando fome, sem emprego e desse jeito o Brasil vai mal.

**Alécio Ramos** - 14 anos - ... meio ruim, na minha opinião poderia ser mais organizado e que todos se reunissem para realizar os planejamentos.

**Rozilda Vaz Martins** - 14 anos - ... que não deveria ser assim. O Brasil está andando para trás. Tem muito desemprego e muitas tragédias.

**Janete de Melo** - 11 anos - ... tem muitas dívidas a pagar e os alimentos aumentam a cada dia que passa.

**Tiago Fonseca Falkembach** - 08 anos - ... com pobreza. Pessoas comendo lixo, pedindo comida e roupas nas casas...

**Carine Lúcia Nehring** - 10 anos - ... as pessoas estão indo prá baixo, porque não têm mais emprego e se arrumam não ganham o suficiente para sobreviverem.

**Marcia Schetert** - 14 anos - Por informações dos antigos e revelações da imprensa, sei que é das piores de sua história.

**Lisandra Franco** - 12 anos - Está péssima, porque o Brasil não tem dinheiro para pagar as dívidas.

**Geneci Veiga** - 13 anos - Eu estou vendo muita coisa triste.

4) Você acha que o Brasil, sendo um país democrático, o povo tem o direito de escolher o Presidente da República?

**Silvia Regina Kusiak** - 13 anos - Sim, porque todo brasileiro deve escolher o seu presidente.

**André Maciel** - 11 anos - Sim, porque o Brasil é feito pelo povo.

**Sirlei Bonatto** - 12 anos - Sim, tem o direito de escolher alguém que se ache responsável pelo que faz.

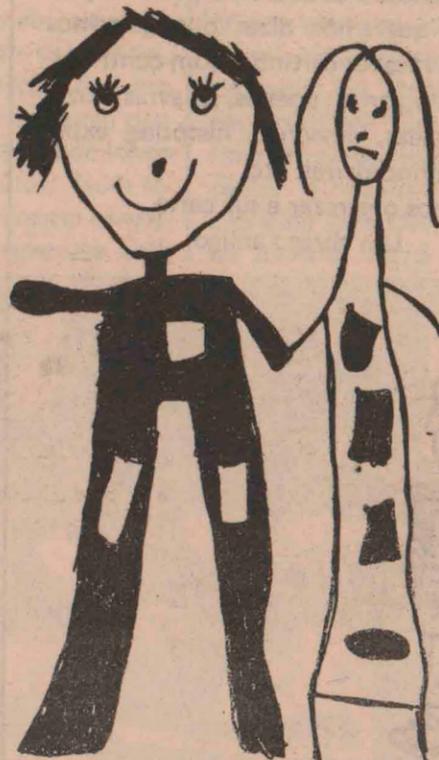
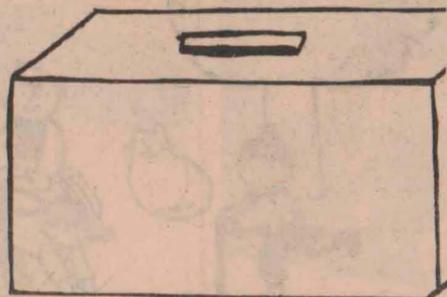
**Maria Schetert** - 14 anos - Sim, porque democracia é governo do povo, com o povo.

**Carine Lúcia Nehring** - 10 anos - Mas é claro eu acho que senão o nome "democrático" não ia ser este, ia ser outra coisa que eu não sei o nome.

**Juliano Maldaner** - 09 anos - Sim. Meu pai disse que faz 20 anos que não vota prá presidente.

**Tiago Fonseca Falkembach** - 08 anos - Sim. Só que se o Presidente da República fosse uma pessoa boa a pagasse as dívidas não precisaria trocar de Presidente.

**Janete de Melo** - 11 anos - O povo tem esse direito. Ninguém pode negar...



**Angela Mari Ferraz** - 12 anos - Sim, porque se o povo não escolher, o Brasil vai sofrer muito ainda.

**Fabiana de Moraes** - 10 anos - Sim, pois se aquela 686 pessoas escolherem um presidente e o povo não gostar, não adianta nada ter presidente.

**Wladimir Miola** - 10 anos - Sim, porque o povo fica com o presidente que ele quiser.

**Jacira Barriquello Pinto** - 09 anos - Acho que num país democrático o povo tem que ter a sua vez.

5) Se eleito o Presidente na sua opinião o que ele deverá fazer para melhorar as condições do povo?

**Márcia Leonarczyk** - 12 anos - Eu acho que ele deveria não mais pedir dinheiro emprestado para o FMI. O Brasil deve aprender a viver com sua própria economia.

**Egon Motycska** - 14 anos - ... dar maior atenção à segurança ao povo, para evitar tragédias como a de "Cubatão".

**Paulo César Milke** - 14 anos - ... aplicar mais

verbas na educação, na alimentação, na habitação, mais empregos. Baixar o salário dos que ganham demais.

... Explorar água no Nordeste e outras centenas de coisas que encheriam um caderno.

**Rosângela Walker** - 14 anos - ... Aumentar o salário, sem descontar o INPS.

**Andréia Quaresma** - 12 anos - Deverá reunir-se com o povo, perguntar, debater e discutir.

**Ana Paula Canal** - 09 anos - ... pagar a dívida externa.

**Andréia Copetti Callai** - 09 anos - Melhorar as condições de vida dos brasileiros.

**Darlene Andrigheto** - 10 anos - ... tem que cumprir o que promete e não só "passar conversa".

**Neiva Maria de Souza** - 14 anos - Achar meios para ajudar o povo no sentido de arrumar emprego, matar a fome de crianças e pessoas idosas, controlar a inflação.

**Danton Pierret** - 11 anos - Parar com o egoísmo e segurar a crise.

**Angela Ferraz** - 12 anos - Pensar nos pobres, ajudar o povo, tentar não fazer dívidas. ...

**Marcia Maria do Prado** - 10 anos - Ajudar o povo, não traíndo.

**Juliano Maldaner** - 09 anos - ... pagar as dívidas, dar empregos, baixar os preços, não exportar um produto barato e comprar o mesmo produto mais caro. ...

**Marcia Schetert** - 14 anos - Criar fontes de trabalho, investigar estórias de desvio de riquezas e se for fato real, tomar providências sérias.

Enquanto as eleições não chegam o poder continua, concentrado na mão de poucos que estão com dificuldades para governar. Atualmente o povo está sendo oprimido. Muitas pessoas sem emprego, crianças sem escolas e com fome, os salários estão baixos. Enfim, estamos sofrendo as conseqüências de uma grande crise.

## Direito da criança

• Há quase 25 anos atrás a Organização das Nações Unidas - ONU - aprovou a Declaração dos Direitos da Criança. O Brasil também assinou esta declaração. Já naquele tempo a situação da criança no mundo todo era precária. A criança estava tão esquecida e marginalizada que se tornou necessário declarar e exigir publicamente seus direitos.

Aqui estão os Direitos de vocês, queridos leitores.

Leiam e poderão constatar se realmente estão sendo respeitados na família, na escola e no lugar onde estão vivendo. Levem para discussão junto aos adultos.

**1º Princípio:** "A criança gozará todos os direitos enunciados nesta declaração. Todas as crianças absolutamente, sem qualquer exceção, serão credoras destes direitos, sem distinção ou discriminação por motivo de raça, cor, sexo, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional e social, riqueza, nascimento ou qualquer outra condição, quer sua quer de sua família".

**2º Princípio:** "A criança gozará proteção especial e lhe serão proporcionadas oportunidades e facilidades, por lei ou por outros meios, a fim de lhe facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual, social, de forma sadia e normal e em condições de liberdade e dignidade. Na instituição de leis visando este objetivo serão levados em conta, sobretudo os melhores interesses das crianças".

**3º Princípio:** "Desde o nascimento, toda a criança terá direito a um nome e a uma nacionalidade".

**4º Princípio:** "A criança gozará os benefícios da previdência social. Terá direito a crescer e criar-se com saúde; para isto, tanto à criança como à mãe, serão proporcionados cuidados e proteção especial, inclusive adequados cuidados pré e pós-natais. A criança terá direito à alimentação, habilitação, recreação e assistência médica adequadas".

**5º Princípio:** "A criança incapacitada física ou socialmente serão proporcionados tratamentos, educação especial pela sua condição peculiar".

**6º Princípio:** "Para o desenvolvimento completo e harmonioso de sua personalidade, a criança precisa de amor e compreensão. Sempre que possível, será criada aos cuidados e sob a responsabilidade dos pais, e, em qualquer hipótese, num ambiente de afeto e segurança moral e material; salvo circunstâncias excepcionais, a criança de tenra idade não será apartada da mãe. À sociedade e às autoridades públicas caberá a obrigação de propiciar cuidados especiais às crianças sem família e àquelas que carecem de meios adequados de subsistência. É desejável a prestação de ajuda oficial e de outra natureza em prol da manutenção dos filhos de famílias numerosas".

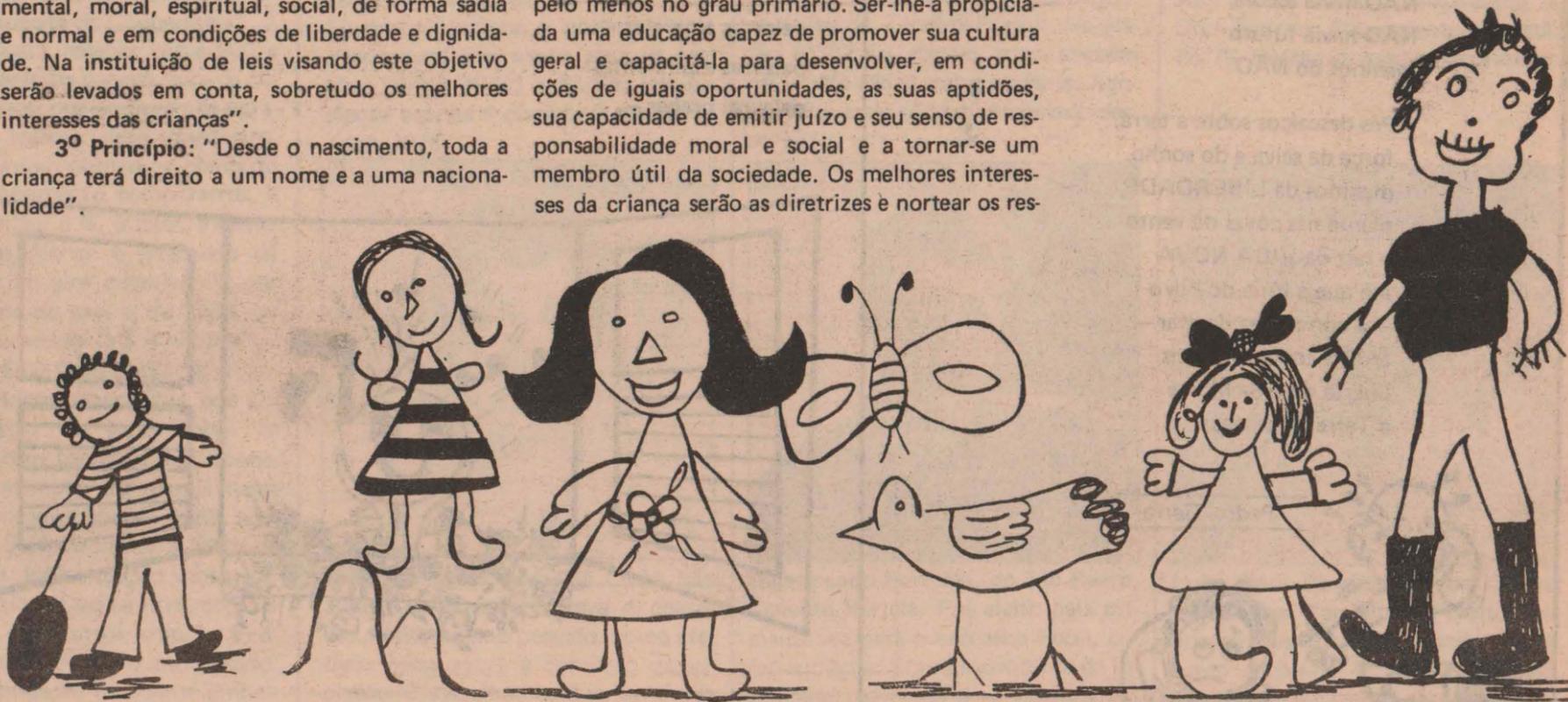
**7º Princípio:** "A criança terá direito a receber educação, que será gratuita e compulsória, pelo menos no grau primário. Ser-lhe-á propiciada uma educação capaz de promover sua cultura geral e capacitá-la para desenvolver, em condições de iguais oportunidades, as suas aptidões, sua capacidade de emitir juízo e seu senso de responsabilidade moral e social e a tornar-se um membro útil da sociedade. Os melhores interesses da criança serão as diretrizes e nortear os res-

ponsáveis pela educação e orientação. Esta responsabilidade cabe, em primeiro lugar, aos pais. A criança terá ampla oportunidade para brincar e divertir-se, visando aos próprios objetos da sua educação; a sociedade e as autoridades públicas se empenharão em promover o gozo deste direito".

**8º Princípio:** "A criança figurará, em quaisquer circunstâncias, entre os primeiros a receber proteção e socorro".

**9º Princípio:** "A criança gozará de proteção contra quaisquer formas de negligências, crueldade e exploração. Não será jamais objeto de tráfico, sob qualquer forma. Não será permitido à criança empregar-se antes da idade mínima conveniente; de nenhuma forma será permitido empenhar-se em ocupações ou emprego que lhe prejudique a saúde ou a educação e que interfira em seu desenvolvimento físico, mental ou moral".

**10º Princípio:** "A criança gozará proteção contra atos que possam suscitar discriminação racial, religiosa ou de qualquer outra natureza. Será criada num ambiente de compreensão, tolerância, amizade entre os povos, de paz e fraternidade universal, na plena consciência de que seu esforço e aptidão devem ser postos a serviço de seus semelhantes".



# Arte

Alécio Ramos, 14 anos, 6a. série, durante a aula de Educação Artística, colocou toda sua emoção e conseguiu realizar este trabalho criativo, com apenas um pauzinho e tinta.

Agora você!

Pegue uma folha de papel, um graveto e nanquim.

Feche os olhos e desenhe algumas linhas (curvas, retas, mistas).

Abra os olhos, gire a folha em várias direções.

O que estas linhas lhe sugerem?

Complete o desenho e envie para o Cotrisol.

Nosso endereço é:

Cotrijornal - Cotrijuf

Rua das Chácaras, nº 1513

CEP: 98.700 - Ijuí/RS



ALÉCIO RAMOS

## Meninos do Não

**NÃO** amanheceram sob os cobertores.

**NÃO** mastigaram o pão da manhã.

**NÃO** traçaram sobre o papel.

o desenho incerto  
das primeiras letras.

**NÃO** brincaram no parque

com outros meninos.

**NÃO** haviam cobertores

havia o vento da madrugada,  
cortando a boca cerrada  
no caminhão dos bóias-frias

**NÃO** havia papel

**NÃO** havia escola,

**NÃO** havia futuro

meninos do **NÃO**

Pés descalços sobre a terra,  
força da seiva e do sonho,  
meninos da LIBERDADE,  
planta nas covas do vento  
a raiz da VIDA NOVA  
até que a fúria do Povo  
— a correnteza do mar —  
arraste todas as cercas,  
liberte de toda Morte  
a Terra de Semear.



Pedro Tierra

## Uma palavra lembra outra

Palavras puxam palavras. Quando a gente lê a palavra frio, recorda gelo, geada, inverno, casaco.

Agora, concentre seu pensamento, e escreva:

- palavras quentes — .....
- palavras frias — .....
- palavras tristes — .....
- palavras alegres — .....
- palavras azedas — .....
- palavras doces — .....
- palavras ácidas — .....
- palavras cheirosas — .....
- palavras brancas — .....
- palavras amarelas — .....
- palavras espinhentas — .....
- palavras brabas — .....

